Sabbado 22 de Janeiro de 1916

A IMITAÇÃO DE CHRISTO

Francisco José — Deixai vir a mim os pequeninos.

Lydia : — Sabes dizer-me porque motivo o teu professor tem um aspecto tão triste !

Emma : — Ora si sei ! Pois elle passa a vida a ensinar linguas mortas !

— Bemdita chuva ! Si continúa assim, sahe tudo de novo da terra.

— Deus me livre ! Tenho duas mulheres no cemiterio.

O ULTIMO AVISO

Se os nossos calculos não falharem a edição da Bibliotheca Internacional de Obras Celebres, preparada para a venda em Portugal, e, devido a guerra Européa offerecida á venda no Brazil em condições de preço e pagamento excepcionalmente vantajosas, estará completamente esgotada em fins do corrente mez.

Do stock, de que dispunhamos em 1º de Janeiro, a metade foi já vendida; devido aos nossos annuncios de que se approxima o fim desta venda especial, muitas pessoas se appressam em enviar os seus pedidos, de modo que o numero de exemplares vendidos cresce de dia para dia. E' portanto logico, concluir que em menos de uma quinzena restarão poucas collecções desta edição e mesmo talvez não nos reste uma só dellas.

Sómente, aquelles que encommendarem immediatamente, podem ter a certeza de obter uma das poucas collecções que nos restam.

E' preciso lembrar que com um pagamento de só 10$ á vista obtem-se a Bibliotheca aos actuaes preços baixos e que nada mais ha a pagar até que se tenha tido em poder a collecção inteira por 30 dias, em seguida 10$ por mez durante alguns mezes (333 rs. por dia) completarão a compra.

Pedidos pelo Correio

AQUELLES QUE RESIDIREM UM POUCO DISTANTE DO RIO DE JANEIRO, teem que agir sem um só momento de demora se é que desejam ficar certos de obter uma collecção da «Bibliotheca Internacional» e pelos presentes e excepcionalmente favoraveis preços e condições.

Remetta-nos a formula que se acha ao lado direito, nesta pagina, com a quantia de 10$, e nós lhe reservaremos uma collecção, até que tenha tido tempo de receber e examinar o nosso opusculo descriptivo.

A assignatura da formula não obriga o leitor a coisa alguma e os 10$ serão devolvidos promptamente se depois de receber o catalogo, o leitor se decidir a não comprar a «Bibliotheca».

SE O LEITOR RESIDIR DISTANTE DO RIO DE JANEIRO, ou vier a ler este aviso algum tempo depois que elle for publicado, o unico seguro e certo caminho será telegraphar-nos para então lhe reservarmos uma collecção, enviando pelo correio a formula que se acha abaixo e á direita, nesta pagina com 10$ no mesmo dia em que tiver telegraphado.

Lembre-se de que, resida onde residir, a demora póde resultar em o leitor perder esta grande opportunidade.

O que é a "Bibliotheca Internacional"

De antemão é impossivel descrever nos estreitos limites de uma pagina o que seja a «Bibliotheca».

Diga-se apenas que se compõe de 24 volumes que abrangem toda a literatura da humanidade e de todos os paizes; que foi organisada pelos bibliothecarios das grandes Bibliothecas nacionaes do Brazil, Portugal, Hespanha, Estados-Unidos, Inglaterra, França, Uruguay, etc; que contem todos os generos literarios da antiguidade e dos nossos dias; que os 24 volumes IN OITAVO reunem á solidez, a elegancia e bom gosto artistico; que a obra completa contem 594 gravuras em negro e em côres; que é a primeira obra onde apparecem em confronto com os autores extrangeiros os mais afamados escriptores do Brazil; e o leitor terá uma ligeira idéia da indescriptivel grandeza dessa obra magistral.

SOCIEDADE INTERNACIONAL DE EDITORES LTD.

CAIXA DO CORREIO N. 1.711 — RIO de Janeiro

Remetto junto 10$

Peço que me reserve uma collecção da «Bibliotheca Internacional de Obras Celebres», enviando-me um catalogo para que eu possa escolher o estylo de encadernação que desejo.

Fica, porem, combinado que o meu dinheiro será devolvido se, depois de receber o catalogo, eu não quizer os livros.

G. 3

Assignatura..

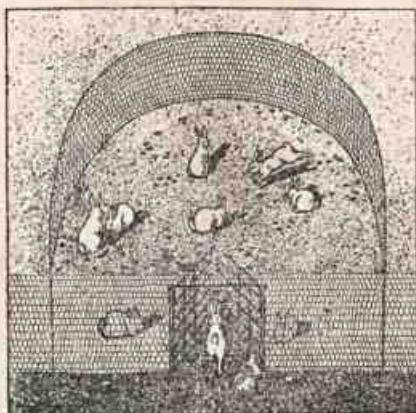
Profissão..

Endereço..

Inventos uteis e praticos

Acaba de ser resolvido nos Estados Unidos um dos mais importantes problemas para a cosinha das familias menos abastadas. Referimo-nos a travessas, feitas de louça ou vidro á prova de fogo, que podem ser collocadas no forno ou ao fogo, sem racharem nem quebrarem. E assim, na mesma vasilha em que as comidas são cosidas, podem ellas ser servidas á mesa, poupando tempo, vasilhame e trabalho.

Para os usos domesticos estão sendo fabricadas agora umas thesouras, que cortam melhor e muito mais rapidamente que as antigas. Trazem ellas uma pequena bola de metal, numa abertura para isto furada em uma das laminas, immediatamente abaixo do eixo do parafuso. A bolinha reduz algum tanto a fricção e melhora a acção da thesoura.

Eis um novo typo de armadilha para apanhar coelhos e lebres, um pouco semelhante ás conhecidas ratoeiras de arame, com uma porta feita de tal maneira, que os animaes podem entrar no interior da cerca, de onde, porém, não podem mais sahir.

«Calçador e abotoador combinados» — eis outra recente descoberta da industria no sentido de simplificar e abreviar o trabalho humano.

Os dois pequenos utensilios, que até agora andavam separados, foram unidos em um só, como mostra a nossa gravura.

MEDICINA EM PILULAS

O agente contagioso e quasi unico da tuberculose é o escarro. — Dr. Dujardin-Beaumetz.

*

A luz tem uma acção bactericida muito energica. — Dr. A. Laveran.

*

As pessôas vestidas de preto são expostas, quando ao sol, a uma temperatura dez gráos mais elevada, do que as que se vestem de branco. — Dr. Laveran.

*

A carne de cavallo, extremamente alimenticia, approxima-se da do cabrito por seu valor nutritivo. — Dujardin-Beaumetz.

*

Os peixes, naturalmente gordos, são mais faceis de digerir fritos do que cosidos. — Dr. A. Becquerel.

*

A quantidade de sal que o homem deve consumir em 24 horas é de 12 a 20 grammas. — Dr. Barbier.

*

O uso das uvas cambate vantajosamente a plethore abdominal e sobretudo a fadiga intestinal dos grandes comedores. — D. Beaumetz.

*

Convem limitar a 250 grammas no maximo a quantidade de liquido que os obésos devem tomar nas refeições. — Dr. Dancel.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS

ANNO. . . . . . . 15$000 | SEMESTRE. 8$000

NUMERO AVULSO

CAPITAL. . . . 300 Rs. — ESTADOS. . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 396 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 22 — JANEIRO — 1916 — ANNO IX

O PRESTIGIO DO GOVERNO

Desde a ascensão presidencial do sr. Wenceslão Braz até aos dias correntes não ha opposição militante á politica federal.

As graves condições economicas, a compressiva situação financeira que o Brasil atravessa, as angustiosas difficuldades creadas á acção reparadora da administração pelos interminaveis *casos* politicos em que se dividiam os grupos estadoaes, os arrojos do arrivismo e as alarmantes manifestações de decadencia moral deram aos brasileiros, de modo brusco e salutar, a exacta noção dos tragicos perigos de morte que ameaçam terrivelmente a nacionalidade.

Taes perigos devem surgir aos olhos do governo com maior nitidez do que ás vistas do povo, e por que este, na sua singela confiança, que, oxalá, os factos futuros confirmem, acredita na sinceridade do empenho com que os governantes cuidam dos altos interesses publicos, olvida erros e espera actos.

A imprensa, comprehendendo as escuras difficuldades desta hora sombria, com uma benevola tolerancia toda feita de sympathia confiante, tem procurado prestigiar a alta administração, applaudindo-lhe não só os actos de pura administração, como ainda a conducta politica.

As impagaveis conspirações em que se metteram alguns civis, não passaram de ridiculos jogos carnavalescos em que foram comparsas tres ou quatro alegres cidadãos mais ou menos desconhecidos dos milhões de homens installados no sólo brasileiro.

A revolta dos sargentos não passou de uma triste ameaça atirada aos dois ramos do corpo legislativo pela desorientada ambição de obscurecidos espiritos transviados por uma visão erronea das cousas e acabou sem ter corrido uma gotta de sangue, entre o riso jocoso das turbas e o sorriso amarello dos conspiradores falhos.

Ha, pois, cercando o estrellado throno democratico em que se assenta o presidente mineiro, plena unanimidade de dedicações.

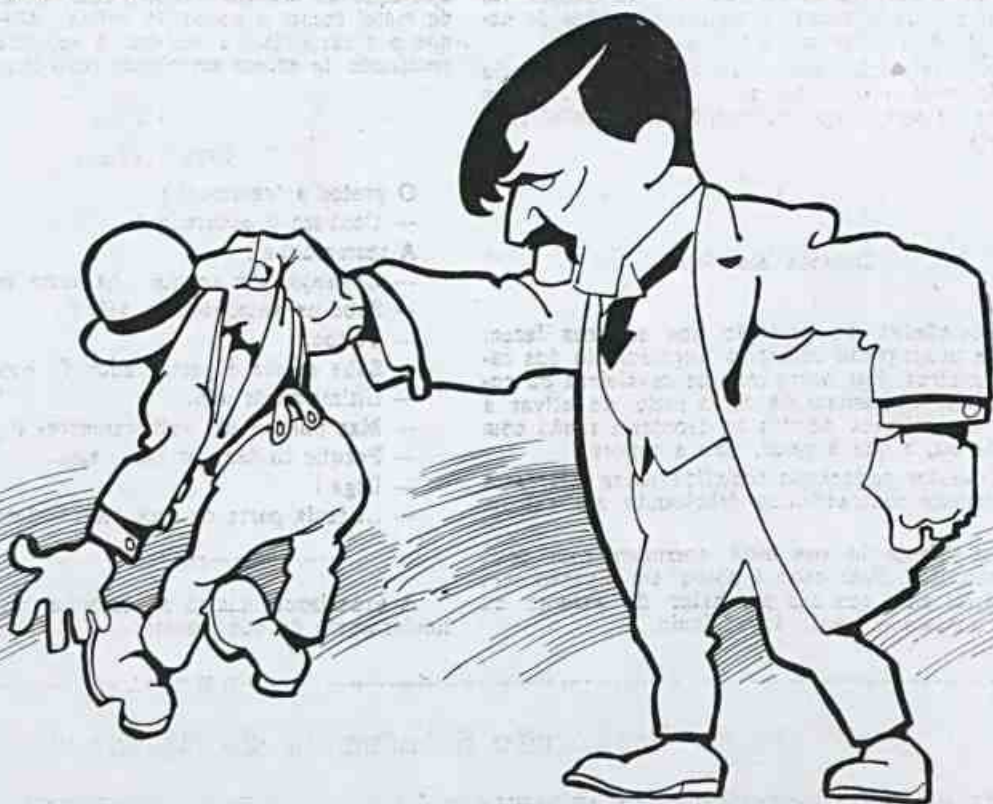
Os velhos civilistas fieis á grandeza genial de Ruy Barbosa, os antigos hermistas descentes do seu tredo idolo nefasto, os vermelhos pinheiristas privados da direcção, os fluctuantes neutros de todas as regiões, representantes das vastas divisões e das pequenas sub-divisões em que se quebraram as grandes correntes politicas, — tudo isso, formando uma agglomeração confusa porém regrada, carrega aos hombros, mimosamente prestigiado, o chefe supremo da nação.

Não ha exemplo, na historia republicana, de tão completa adhesão a um governo.

O presidente, lançando o arguto olhar pelas ruinas sobre as quaes se movem os habitantes do paiz, contempla e sente a capitosa vaporação do carinhoso appoio que todos lhe prestam.

Que a vertigem do seu altaneiro prestigio não lhe empane a clareza da calma visão, são os votos de quantos desejam que o solitario pescador de Itajubá, apagando da memoria nacional os depressivos epithetos usados na reconstituição moral e economica da Patria, o que foi o evangelico pescador Pedro para a organisação perpetua do christianismo — a pedra de um novo edificio solido.

As ultimas publicas demonstrações presidenciaes parecem indicar que o hospede quatriennal do Cattete e do Guanabara saberá corresponder á unanime confiança que não o prestigiou no dia da sua eleição, porém que não lhe falta nas difficuldades deste momento.

Traducção ao pé da lettra da 1ª varia do "Jornal do Commercio" de 18 do corrente

WENCESLÁO — Seu Bernardino Monteiro, eu quero, para o governo do Espirito Santo, um homem de bôa moral e honestidade comprovada.

UM POUCO DE TUDO

Arvore de espirro

Uma arvore que faz espirrar se encontra na colonia de Natal e em outras partes do sul da Africa.

O seu nome lhe vem do fato que ninguem a pode vêr sem espirrar violentamente. A poeira da sua madeira tem o mesmo efeito que o rapé mais forte, e é tão irritante para o nariz, que os carpinteiros são obrigados a espirrar quando a estão aplainando.

Um pedaço da madeira desta arvore posto na boca, mostra um gosto muito amargo. E é sem duvida este amargor que impede os insectos de toda qualidade de atacarem a madeira da arvore do espirro. O fato dos insectos a acharem tão desagradavel torna sua madeira muito valiosa para obras que exijam longa duração.

•

Assando relogios

Somente um cronometro impermeavelmente construido pode sobreviver ás experiencias feitas no Real Observatorio de Greenwich.

Constantemente ha em exame cerca de 200 relogios para uso na Marinha Real. Em certas ocasiões ha uma prova completa de cronometros, franqueada a todos os fabricantes que têm bastante confiança nos seus relogios e os consideram capazes de suportar a severidade das experiencias.

Durante a prova os relogios são expostos a todas possiveis variações de temperatura. São assados em fornos suficientemente quentes para assarem bifes. Com efeito, tão grande é o calor, que uma vez um relogio se partiu em pedaços durante a experiencia da assadura. No momento em que o relogio é retirado do forno e mergulhado numa mistura refrigerante de muitos gráos abaixo de zero.

Tal perfeição tem atinjido a fabricação de alguns cronometros, que mesmo as mais rigorosas experiencias deixam de causar-lhe a menor variação.

•

Amputação do cerebro

Uma das maravilhas da ciencia cirurgica foi recentemente praticada em um hospital militar francez, onde um soldado ferido foi amputado em uma sexta parte do cerebro, sem nenhum transtorno.

O paciente foi conduzido do campo de batalha com um ferimento penetrante na região occipital. As estilhas de ossos causaram a formação de um abcesso no hemisferio cerebral esquerdo. Os ossos foram ex-

traidos pelo dr. Guepin, cirurgião chefe do hospital, porem novo abcesso se formou. O dr. Guepin foi obrigado por duas vezes a amputar porções do cerebro que se projetavam para fóra da ferida.

O paciente perdeu assim um terço do hemisferio esquerdo, mas restabeleceu-se, e não mostra sinaes especiaes de perturbação da motilidade, sensibilidade ou ideação.

*

Chicote eletrico

As sociedades de proteção dos animaes fazem constante propaganda contra o flagelamento dos cavalos e muares. Por outro lado os cavaleiros ou cocheiros não dispunham de outro meio de ativar a marcha dos animaes de tiro ou montaria senão com o chicote ou, o que é peior, com a espora.

Um inventor engenhoso conciliou esses interesses aparentemente contradictorios fabricando um chicote eletrico.

E' um chicote de aparencia commum com dous aneis metalicos. Pelo cabo é posto em ligação com uma bateria seca que fica por baixo do assento ou em outro qualquer logar do vehiculo.

Quando o cavalo ou burro fica lerdo, se lhe faz aplicação do chicote eletrico, sem violencia. Os aneis de metal tocam o corpo do animal dão-lhe um choque e o estimulam a acelerar a velocidade, sem necessidade de serem seviciados pela taca.

X.

No juizo

O pretor á testemunha :

— Conhece o accusado ?

A testemunha :

— Conheço, sim senhor ; ha vinte anos.

— Sabe os antecedentes dele ?

— Todos.

— Sabe se ele é perturbador do socego publico ?

— Ultimamente não.

— Mas porque diz «ultimamente» ?

— Porque ha tempos ele... ele...

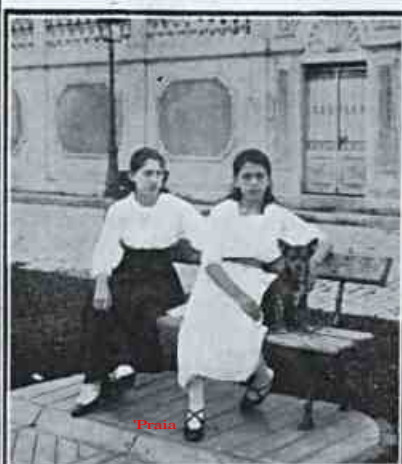
— Diga !

— ... fazia parte de uma banda alemã.

A experiencia ensina a desconfiar de tudo, e particularmente de nós mesmos. — CONDESSA DASH.

Instituto de Protecção á Infancia de Nictheroy

Senhoras da Commissão de Vestes e senhoritas que serviram o primeiro chá de caridade, realisado na visinha cidade.

O FOOTING

Na Praia do Flamengo

NO TREM DE PETROPOLIS

A maior parte da gente que viaja nos trens de Petropolis, ascenda para a roborante frescura serrana ou desça para o suffocante calor carioca, pertence as camadas mais ou menos superiores, onde, se nem sempre se encontra a illustração, encontra-se quasi sempre uma bôa educação florindo em maneiras amaveis.

Entre a gente que sobe ou desce a serra, — entre a gente bem educada, é claro, — insinuam-se, ás vezes, grosseiros typos de excellentes roupas e pessimos modos, que se julgam senhores dos carros e reis dos outros passageiros.

Taes sujeitos, como, apezar de seus arrotos e de suas fumaças, não são bastante ricos para tomarem, a si um carro especial, aboletam-se nos carros communs com a sem cerimonia usurpadora de quem considera o que é todos como sendo exclusivamente seu.

Assim, installam-se numa cadeira e põem um objecto qualquer na cadeira visinha, de modo que as outras pessôas, julgando que esta acha-se tambem occupada por outro passageiro, passam á procura de sitio desoccupado.

A's vezes, num carro de primeira classe, viaja um usurpador com as nalgas em cima de uma cadeira e um jornal sobre a que lhe fica ao lado, emquanto em outro carro, por falta de logar, outra pessôa viaja de pé.

Um veranista em quem a bôa educação não estrangulou os predicados de reivindicação, ha dias, indignado com a sem-cerimonia de um usurpador que o deixára sem lugar para dar a um chapéo de chuva o conforto de uma cadeira, — sacudio o chapéo de chuva pela janella do carro, sentando-se, aos risos satisfeitos dos outros passageiros, sem um protesto do importuno cavalheiro lesado na bengala de varetas cobertas de panno.

O FOOTING

Na Praia do Flamengo

REFORMA CONSTITUCIONAL

Não é licito a todos ter opinião sobre musica ou pintura ou foot ball, porque são provincias de especulação humana reservadas a numero limitado de pessôas. Mas sobre politica todos podem ter opinião. E não só podem como devem têl-a.

Fui por isso ouvir a opinião do sr. Manuel, que naceu na estranja, mas tem propriedades e filhos no Brazil, onde reside ha trinta annos, e por isso seus interesses estão identificados com os nossos. Demais o sr. Manuel não tem ambições, desde que Portugal se republicanisou, e que não produz mais titulos nem comendas.

A opinião do sr. Manuel é a seguinte :

— Revisão constitucional ? Se creio nela ? De certo. A primeira coisa que se devia reformar era a republica, substituindo-a pela monarquia. O Brazil se está civilisando. Já está aparecendo a opinião publica. E' necessaria uma forma de governo que permita a realisação das aspirações nacionaes do paiz. A forma de governo da Siberia, do Paraguay, da Venezuela, da Columbia, de Honduras, do Mexico não nos serve. Precisamos do sistema usado na Suecia, na Belgica, na Italia, na Noruega, na Inglaterra.

— Mas isto não é possivel. A republica está consolidada. O que se pretende fazer são retoques. E quaes são, na sua opinião, os mais necessarios ?

— O primeiro de todos é estabelecer a responsabilidade dos governantes. Os que cometem crimes contra a nação, que gastam e dissipam milhões sem autorisação e contra ordem expressa do Congresso não podem continuar como testemunhas impunes da ruina que causaram. A primeira reforma a fazer é esta : tornar os governantes responsaveis pelos seus atos.

— E a segunda ?

— A segunda é estabelecer o sufragio eleitoral. Não o sufragio universal. Este é asneira em um paiz atrazado e extenso como o Brazil... Para que se permita a um individuo intervir na direção dos negocios publicos é necessario que elle prove saber dirigir seus negocios particulares, isto é, que tenha um meio de vida, e que tenha alcançado na sociedade uma situação mais ou menos independente.

— E sobre a liberdade dos Estados contrairem emprestimos ?

— E' absurdo querer cerceal-a. E' uma prerogativa da sua autonomia. Apenas a Constituição deverá adotar um artigo nestes termos :

«Os Estados podem contrair no interior ou no exterior os emprestimos que quizerem, comtanto que o serviço de juros e amortização não exceda a 25 o/o das respetivas rendas.

§ 1º — Antes do levantamento do emprestimo, o Estado transferirá á União a arrecadação de rendas suficientes para o respectivo serviço. Essas rendas serão calculadas pela arrecadação dos ultimos tres anos, com um desconto de 20 o/o para as eventualidades de sua diminuição.

§ 2º — Com essas rendas a União pagará o serviço do emprestimo, cobrar-se-á das despesas da arrecadação, e entregará o saldo ao Estado.»

E' isto apenas o que se deve fazer, para evitar que a União seja arruinada pela loucura dos Estados. Tocar na autonomia destes, nunca !

* * *

Assim foi que se manifestou sobre a reforma constitucional o sr. Manuel. Manuel é o nome de batismo. Seu nome de familia é Legião.

X.

O professor e a syntaxe coordenada

ELLA — Ora, papai. Si nos vamos esperar por um taxi que não seja amarello ou encarnado, não sahimos d'aqui. Não ha automovel sem cor.

ELLE — *Ha, sim taxi cor de nada.*

FACTOS DA GUERRA

AS CURAS MARAVILHOSAS

O caso do soldado canadense cégo, cuja vista restabeleceu-se milagrosamente, após o choque de ter sido atirado ao mar de bordo do vapor *Hesperian*, torpedeado, é um dos casos mais maravilhosos de restabelecimento subito, durante a actual guerra.

Ha poucos mezes, um actor comico estava dando um espectaculo deante dos soldados feridos no hospital de Bristol, quando o cabo de esquadra Stevens, do 2º regimento de Carabineiros Reaes, que ficára surdo-mudo na batalha de Flandres, rompeu subitamente numa estrepitosa gargalhada, e, com espanto dos medicos e das enfermeiras, recobrou immediatamente a falla e a audição.

Cita-se ainda o caso de outro homem, que ficára surdo-mudo com a explosão de uma bomba em Mons, ter ficado subitamente curado, pela dôr que lhe causára ter tocado com a mão numa chaminé quente no corredor do Hospital Militar da Rainha Alexandra, em Millbank. No mesmo hospital o cabo de lanceiros Fowkes, do 18º regimento de Hussars, que ficára cégo em Mons e cujo caso era considerado perdido pelos medicos, recobrou a vista por um tratado especial dos raios X.

Recentemente o cabo Leonardo, que ficara privado da falla e da audição, foi a uma sessão de cinema em Liverpool. Quando viu no film as farças do comico Billie Richie, o soldado disparou a rir. E logo começou a sentir um fogo na garganta e dolorosas martelladas nos ouvidos que pareciam prestes a rebentar. Então, com agradavel surpreza, elle ouviu um grito — o som de sua propria voz. Estava milagrosamente curado!

MINAS GERAES

Senhorita Emirena de Carvalho, uma das bellezas de Oliveira

Effeitos do verão

O professor primario dá aos seus pequenos alumnos algumas noções de Physica:

— O calor — diz elle — tem a propriedade de dilatar os corpos; e o frio, pelo contrario, a de encurtal-os. Por exemplo: os trilhos da estrada de ferro, no verão, augmentam de comprimento.

Um alumno não se contem e exclama logo:

— Ah! E' por isto que os trens estão chegando agóra tão atrazados!

JARDIM ZOOLOGICO

Festa em beneficio das obras da Igreja de Santo Christo dos Milagres

Festa do Centro Civico 7 de Setembro

As Nações Européas

SALADA DE FRUCTAS

Em 1906 vendeu-se na Inglaterra uma orchidea rara, por mais de mil libras.

*

Uma ostra não está em condições de servir de alimento, sinão no quarto anno de sua idade.

*

De cada quinze pessôas só uma tem os olhos perfeitos. Observe-se que os individuos que têm o cabello muito abundante são os que possuem a vista defeituosa.

*

A purpura foi na antiguidade a côr da dignidade imperial, pelo seu grande custo e raridade.

*

Quito, capital da Republica do Equador, é a unica cidade do mundo onde o sol nasce e se põe, respectivamente, ás seis horas da manhã e da tarde, em todo o anno, com absoluta uniformidade.

*

A bala de uma espingarda adquire a sua maior velocidade, não ao sahir da bocca do cano, mas sim quando se encontra a uns tres metros d'ella.

*

A maior mina de arsenico que ha no mundo está situada em Flayel County (Virginia). Produz cada mez setenta toneladas de arsenico.

*

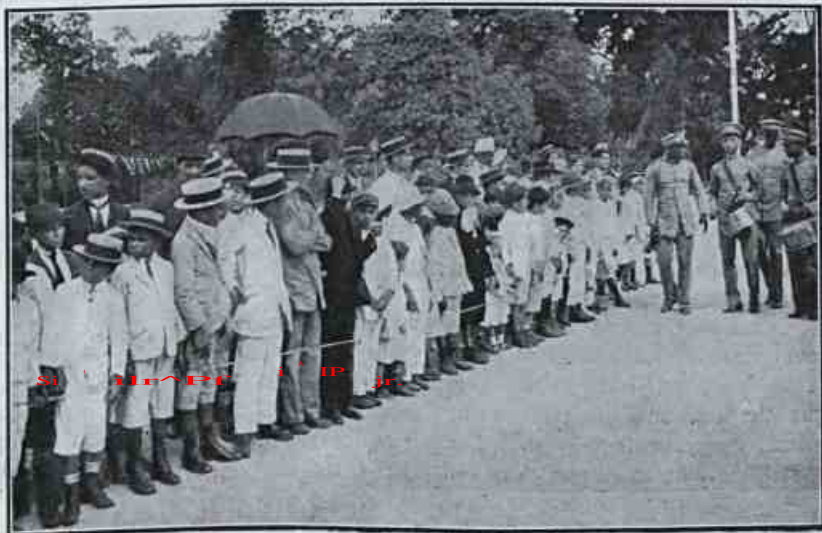
Entre os operarios que trabalham nas salinas (salineiros) nunca se declara o cholera, a escarlatina, a variola, nem sequer mesmo uma simples grippe.

*

Na Turquia ha uma flor que é a verdadeira imagem do colibri. As suas folhas affectam a forma desse passaro. Tem o peito verde, as azas côr de rosa carregado, o pescoço amarello e a cabeça e o bico quasi pretos.

A verdadeira independencia funda-se nestas tres palavras que eu sempre admirei: Viver com pouco.

W. COBBET.

A Cavalhada do Norte

Aspecto

?

Os suburbios, os nossos pitorescos suburbios, concorrendo para o augmento glorioso da brilhante fama da nossa rutila metropole, diariamente, com esplendida prodigalidade, dão mostras da civilisação que nelle se desenvolve e floresce.

A Avenida Rio Branco, irmã de Botafogo e complemento da fidalguia gentil da Tijuca, tinha, ou tem, os avidos moços bonitos, os elegantes gatunos que, nos bondes esfregam as pernas nas pernas de certas moças e, na indiscreta meia luz dos cinemas, recitam, a meia voz, doces madrigaes conquistadores aos ouvidos de certas senhoras casadas, emquanto lhes surripiam o dinheiro e as joias. Os suburbios, não querendo que o perimetro urbano lhes puzesse poeira e mmateria de latrocinio moderno, organisaram a sua interessante quadrilha — a quadrilha suburbana da *Mão negra.*

Como os recursos dos suburbios são incomparavelmente inferiores aos da cidade, os roubos que lá se praticam não podem abranger a vastidão dos que aqui se commettem e por isso, intelligentemente, os quadrilheiros da *Mão negra* limitam-se a assaltar uma casa por dois mil réis. Quem teme o assalto, que nunca se realisou, evita o deixando aos solicitados dois mil réis mettidos no trilho da estrada de ferro indicado na ameaçadora missiva dos modestos ladrões.

Em Petropolis, á luz de uma manhã purissima, bem cedo, um jornalista e um diplomata sahiram a respirar os beneficos ares saudaveis, caminhando ao acaso atravez de sitios que não conheciam. Estavam satisfeitos. Do ambiente brotava uma alacridade penetrante que os envolvia, alegrando-os. De prompto, dando com os olhos nas letras escriptas no alto de um villino, o jornalista, ficando muito pallido, estacou e ergueu as duas mãos transformadas em duas grandes figas escandalosas. «Que é isso?» perguntou-lhe o companheiro. «Ahi móra o ex-presidente». O diplomata desandou a correr e, levipede, seguio-o o outro. A rua em que reside o celebre espalhador de fluidos maleficos não tem sahida. Os dous alarmados veranistas, não querendo passar de novo pelo famoso villino, despenharam-se pelos flancos lodosos de um monte e chegaram á rua parallela, em baixo, com as roupas e as mãos recobertas de lama. «Que peça me pregou o senhor» disse, então, o diplomata. «Convida-me para passear e traz-me ao villino.» O jornalista explicou-se, dizendo, com verdade, ignorar a situação da casa fatal, e horas depois da jocosa occorrencia, quando se rencontraram os dous camaradas, disse o diplomata, sorrindo: «Quem lhe visse esta manhã em frente ao villino e se lembrasse da attitude da sua folha no tempo hermista, poderia pensar que você commettia a baixeza de atirar gestos obscenos á residencia do ex-presidente. No entanto, você fez um movimento instinctivo de defesa.»

AS NOSSAS PRAIAS

Banhos de mar

Gregos e Troyanos

Esta figura risonha, cujos traços burlescos lembram os de um engraxate na pandega, nunca limpou as botas de ninguem, porque representa o busto do muito audacioso embaixador DUMBA, o temivel chanceller austriaco que foi despedido pelo governo YANKEE para evitar que este transformasse o territorio americano em acampamento tedesco.

A GUERRA

General Serrail, commandante em chefe do exercito francez na frente oriental.

Ephemerides da semana

MEZ DE JANEIRO

23 — Fallece no Rio o marquez de Sapucahy, Candido José de Araujo Vianna, politico e litterato (1875).

24 — Fallece em Lisbôa Frei José de Santa Rita Durão, poeta brasileiro, auctor do poema *Caramurú* (1784).

25 — Fallece o Visconde de Taunay, auctor da *Innocencia*, *Retirada da Laguna* e de outras obras de valor (1899).

26 — Fallece na Bahia a legendaria *Paraguassú* (Catharina Alvares), esposa de Diogo Alvares Corrêa, o celebre *Caramurú* (1583).

27 — Ordem régia communicada ao governador da Capitania de Minas, estabelecendo iniquas restricções aos direitos dos homens de côr, impedindo-lhes a occupação de cargos ou empregos que especifica (1726).

28 — Portaria do Ministerio dos Negocios Ultramarinos, de Portugal, enviando ao governador da Capitania de Minas a lei que ordena que «quem misturar com ouro em pó outro qualquer metal ou genero, maliciosamente, incorre na pena de morte e confiscação dos bens, si a falsidade chegar ao valor de um marco de prata (1735).

29 — Fallece no Rio José do Patrocinio (1905).

Elle: — Então que diabo faz esse rapaz que vae casar com a tua amiga Helena?

Ella: — Faz uma asneira.

A GUERRA

Officiaes Inglezes, Francezes e Russos, feitos prisioneiros, no Campo de Concentração do Castello de Mainz. Allemanha.

Typos da Papuasia Allemã, conquistada pelos Inglezes

Cannibaes de Kumusi — Um casal de noivos, recebendo presentes — Viuvo papuá, de luto

CONFLAGRAÇÃO EUROPÉA

A LENDA DO «CAVALLEIRO BRANCO»

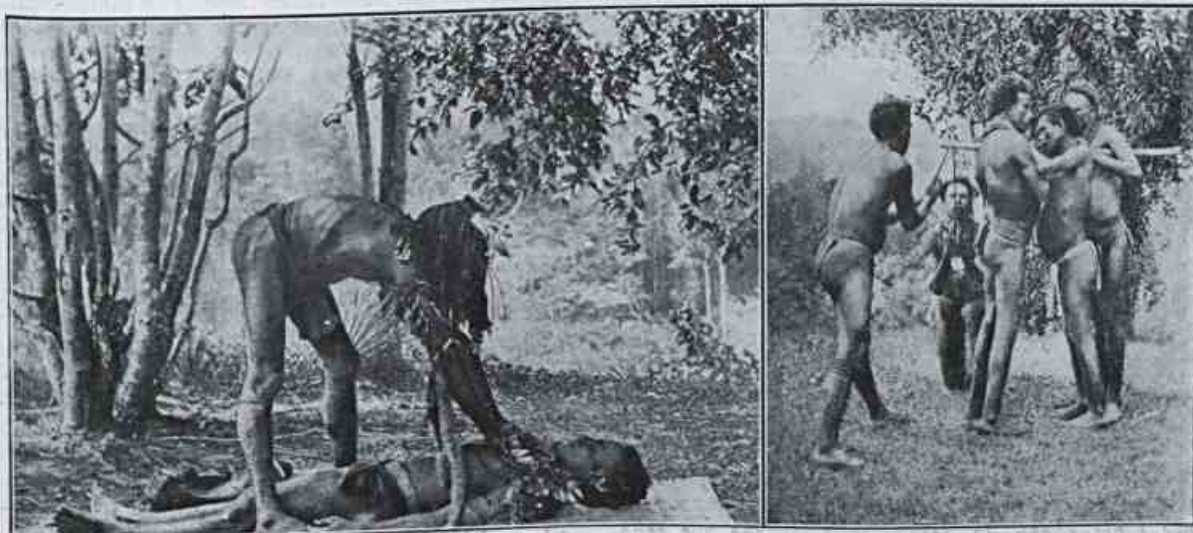
A guerra européa, apezar de ter rebentado ha pouco mais de um anno, já está repleta de lendas. Uma dellas é que tem sido muito commentada na imprensa ingleza é a seguinte :

Em agosto de 1914, no momento da retirada de Mons, um regimento britannico se achou numa posição muito critica, cercado por todos os lados e condemnado ao anniquilamento dentro de poucos instantes.

De subito, um soldado invocou em voz alta o soccorro de S. Jorge. Quasi no mesmo instante, na noite, appareceu um gigantesco cavalleiro branco, todo radiante de luz. E' o «Anjo de Mons» que numerosos combatentes, «Tommies» e officiaes, affirmam ter visto. Os Francezes testemunharam igualmente o facto e juravam não ter sido victimas de uma illusão, mas, segundo dizem, era S. Miguel ou Joanna d'Arc.

A unica cousa certa é que os cavallos allemães empinaram e os soldados do Kaiser cessaram de atirar, perante o prodigio.

O regimento inglez escapou, assim, ao perigo ; e hoje, todos aquelles que «viram» o cavalleiro branco, juram e sustentam energicamente que não sonharam.

Typos da Papuasia Allemã, conquistada pelos Inglezes

Feiticeiro papuá, «curando» um doente — Papuás fazendo fogo por fricção em um páu

I

UMA CARTA DO GENERAL AGOBAR

A' redacção da *Careta*, em 17 do corrente, o general Olympio Agobar de Oliveira, commandante da Brigada Policial do Districto Federal, dirigio a seguinte carta:

«Saudações.

«Tenho seguido, com natural interesse, as diversas noticias publicadas pelos jornaes a proposito da sahida de presos recolhidos aos quarteis da Brigada, para passeios pela cidade, e, agora mesmo, leio na vossa revista um artigo referente ao dr. Gilberto Amado.

«Tão infundadas são as informações prestadas a respeito a esse periodico, que não me posso silenciar deante dellas. O dr. Gilberto Amado está, como é sabido, recolhido ao Estado Maior do Regimento de Cavallaria, que tem como commandante o tenente-coronel Antonio Barbosa da Paixão, official criterioso e que de modo algum transigiria no cumprimento do seu dever, permittindo a sahida do dr. Gilberto em companhia de quem quer que fosse.

«Não procedem, pois, os informes que vos ministraram e asseguro-vos que este commando agiria com o maximo rigor contra o responsavel por tal irregularidade, si ella de facto se verificasse.

«E por que assim é, peço-vos mesmo que vos digneis aconselhar o vosso informante a telephonar immediatamente para a Assistencia do Estado-Maior da Brigada, ou directamente para mim, quando se der o facto de encontrar o dr. Gilberto passeando pela cidade, pois só desse modo se poderá constatar materialmente a irregularidade em questão, sendo certo que muito lamento o epitheto de *indigno* atirado ao tenente-coronel Paixão, que o não merece em absoluto por ser, como disse, um official criterioso e portador de altos dotes moraes.

«Com esta explicação, subscrevo-me de V. Ex.ª grande adm.or e criado.»

A' leal transcripção desta carta, valiosa como penhor de conducta futura, não additarei commentarios, pois quero crer na inteira bôa fé e na illudida rectidão de quem a subscreve, porém, mantendo as minhas asseverações contestadas pelo missivista declaro que a integridade dos meus informantes não teme e desafia a luz de um inquerito.

II

Motivos de veranistas

As mais lindas mulheres do Rio de Janeiro, ás mornas caricias vellutineas da luz, as mais elegantes damas cariocas, ao rythmo azul das aguas meigas, attenuando a serena tristeza crepuscular, vão-e-vem, risonhas e calmas, á orla amena do Flamengo.

E' grande o numero das illustres passeantes aristocraticas, mas não se comprime em amontoado excesso de gente no celebre esplendor da afamada avenida. Sem esforço, acompanhando o mover da colorida fita humana desdobrada ao longo do passeio, o olhar distingue as pessôas.

A Sra. Oscar Lopes, sorrindo para a Sta. Aida Brito, e esta, loura e tambem sorridente; a Sra. Sylvia Guillobel Paes Leme, revestida de alvas rendas frescas como espumas; a Sta. Rodrigues Lima, abraçada pelas faixas azues que listram o ondeio branco de seu vestido; a poetisa Rosalina Coelho Lisbôa, no fulgor da sua gloria joven; a Sta. Souza Ribeiro, espelhando, suaves, nas vestes, as violaceas côres do céu vespertino; a Sra. Waldemar Bandeira, e, graciosa, com o ar augusto de quem sóbe os degráos de um throno, a Sta. Regina Moura; a Sra. Heitor Cordeiro, as Stas. Inglez de Souza, a Sra. Cesar Lopes; formosas senhoras e bellas senhoritas, todas, ou quasi todas, as felizes deificadoras dos aureos nomes escriptos nas chronicas da nobre elegancia carioca, desfilam sob o encanto feiticeiro da tarde. Extranhos diplomatas consideraveis pelas suas representativas funcções protocollares; mocitos de bôas roupas e guapos velhotes de bigodes pintados como as fachadas de certos palacios em ruinas; estudantes alacres e photographos malfadados, os desportos galantes, a litteratura *chic*, as finanças mundanas, esquecendo-se de seus asperos antagonismos, contemplam ou, passeando, seguem os que passeiam.

Pesados automoveis carregados de fracques e saias deslisam sobre os lisos rebrilhos do asphalto.

Pessoas que se estimam, ou conhecem, amaveis, gesticulando com gentileza, atiram-se cumprimentos. Formam-se grupos. Em frente ao sitio predilecto dos banhistas, na desembocadura das ruas Paysandú e Barão do Flamengo, conversando rumorosamente, finas damas e guapos cavalheiros espraiam motivos de veranistas.

Sacudindo na mão suada uma ventarola de annuncio e dardando furioso olhar sobre um casal assentado no appetecido banco visinho, anafada senhora affirma:

— Vou para Petropolis por que não aguento o calor do Rio.

Pallida, sorrindo com fadiga, bonita dama commenta e explica:

— Este calor é supportavel. Subo á serra para descançar. Com a sua brilhante agitação, o inverno

é exhaustivo. Necessito de repouso. Vou viver em casa, alheia ás festas.

— Pois eu vou veranear para divertir-me; não hei de perder uma recepção; quero dançar em todos os bailes — declara, vivaz, uma interessante menina de ignivomos olhos negros.

Esbelto, um rapaz magro, com os dedos habeis concertando o laço perfeito da gravata, confessa:

— Pois eu vou aborrecer-me por elegancia. E' *chic* — ir para Petropolis: — vou.

Um calvo senhor de meia edade, abanando-se distrahidamente com o chapéo de palha, informa.

— Quanto a mim, vou por que os outros vão.

— Juro que ninguem vae veranear por motivos identicos aos que me levam a Petropolis. Vou para fazer economia. Gastamos muito, gastamos de mais no hinverno, e, como em Petropolis a vida não sáe cara, assumimos um aspecto superior de fidalgos enfarados e vamos remendar o pé de meia sob o manto sumptuoso da elegancia, — brada, escandalisando o auditorio, a estabanada esposa de reluzente celebridade.

Um collecionador erudito de extravagancias artisticas, diz, incontentavel e grisalho:

— Leva-me a curiosidade. Não posso ir á Europa: quero ver como é Petropolis.

Triste, com o aspecto de quem não encontra no mundo razões de vida, um moço, lentamente, revella a angustia resignada de sua alma:

— Vou por ir, para fazer alguma cousa. E' preciso viver, emquanto a morte não chega.

Desce a noite. Dispersam-se os grupos. Erma-se a praia. Offerece-me um logar no seu automovel um amigo que se retira.

— Sabes? Subo amanhã para Petropolis.

Lembro-me das palavras ouvidas, ha pouco, dos veranistas. Interrogo-o, e elle, ruborisado e veraz, responde:

— Amôr.

LEAL DE SOUZA

O governo belga, accusando os allemães de haverem devastado as provincias de Brabante, Liege, Antuerpia e Namur, diz que é de 18.207 o numero de edificios destruidos pelos germanicos e fez, num relatorio, as seguintes especificações: — em *Louvain*, cidade de 7 433 casas, foram destruidas 1.120; em Dinant, de 1 376 foram destruidas 1 263 ficando 112; Vizé, que possuia 763 casas, perdeu 575 e só lhe restam 88.

O mendigo: — Meu senhor, tenha dó d'este pobre homem que ha tres dias não come.

O senador X.: — Pois pódes julgar-te muito feliz. Eu, nestes ultimos tres dias, tive de assistir a quatro banquetes e ouvir vinte e dois discursos politicos.

O submarino amigo

MOAMED V — Sobretudo, muito cuidado quando atravessar o Bosphoro. Não vá encalhar nas costellas dos esqueletos que lá estão.

A GUERRA

A heroina de Loos. — Mlle. Emilienne Moreau, jovem franceza de dezesete annos de idade, foi ha dias condecorada em Versailles com a medalha militar, pelo general de Sailly, por sua grande bravura demonstrada na linha de fogo. Mlle. Moreau residia em Loos, cidade atacada e tomada pelos Inglezes, sob o commando do general Sir Douglas Haig, nos fins de setembro ultimo. Quando os Allemães occupavam a cidade, a jovem franceza alli vivia com seu velho pae, sua mãi e uma irmã. Como ella era professora, as crianças de Loos que ficaram na cidade foram entregues á sua direcção.

Quando começou o grande ataque dos Inglezes, Mlle. Moreau, em nervosa anciedade, esperava o resultado. Numerosas familias, incluindo homens, mulheres e creanças, tinham-se refugiado em adegas e em outros lugares de relativa segurança. A jovem não poude se conter na sua anciedade, abandonando o abrigo logo que viu que os Allemães estavam sendo batidos.

Quando os Inglezes entraram, Mlle. Moreau, sem empallidecer á morte que via-ao redor de si, sahiu para as ruas, e, no ardor do combate, ia apanhando os feridos e collocando-os fóra do alcance das balas. Posto que physicamente debil, a sua generosa bravura decuplicou suas forças. A todos que necessitavam dava agua e estimulantes, tratando os feridos o melhor que podia. Ao entrarem na cidade, os medicos inglezes encontraram-na entregue ás suas generosas funcções.

Ao passarem as forças britannicas, começaram os soldados a cantar, com vigoroso enthusiasmo o *«God save the King»*. Quando terminou o hymno patriotico, Mlle. Moreau deu um passo á frente e, deante dos soldados attonitos, entoou a «Marselheza».

Immediatamente os inglezes a cercaram e, com grande enthusiasmo, começaram a acompanhal-a, cantando igualmente as sublimes estrophes de Rouget de Lisle.

A bravura da joven Moreau mereceu uma menção especial na ordem do dia do Exercito Francez, nos seguintes termos:

«Mlle. E'milienne Moreau, de 17 annos de idade, residente em Loos (Norte da França). A 25 de setembro, na tomada da povoação de Loos pelas tropas britannicas, ella organizou em sua casa uma ambulancia, empregando todo o dia e toda a noite em transportar feridos para alli. Não pensando em si propria, poz todos os seus recursos á disposição d'elles, sem o menor interesse. Ella permaneceu no meio d'elles, armada apenas com um revólver, e, com o auxilio de alguns soldados feridos, poz fóra de combate dois soldados allemães que, escondidos numa casa visinha, faziam fogo contra a ambulancia».

Depois de receber a medalha militar, Mlle. Moreau foi apresentada a M. Poincaré, presidente da Republica, pelo senador Jean Dupuy.

Instantaneos na praça Duque de Caxias

Uma panacéa

Mme. Requilda : — Infelizmente a medicina não conhece um remedio universal.

Sogra d'um medico : — Acho que conhece. Eu, por exemplo, qualquer cousa que eu sinta, sempre meu genro me recommenda mudança de ares.

Na delegacia

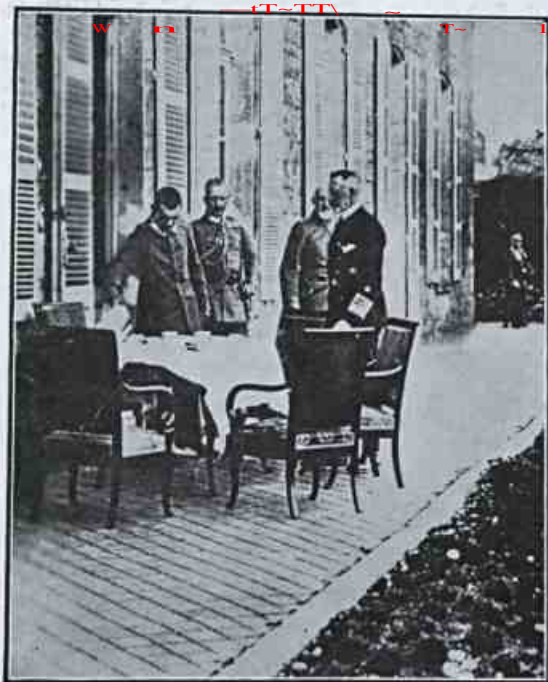
O commissario de policia : — Quem o prendeu?

O preso : — Dois guardas civis.

— Por bebedeira?

— Sim senhor. Estavam ambos bebados.

Instantaneos na praça Duque de Caxias

A GUERRA

O Kaiser, o principe Henrique da Prussia e o Marechal von Heeringen, no Quartel General das forças que combatem na França.

ARCHIVO UNIVERSAL

DEPOIS DA MORTE. — Muito se tem trabalhado para averiguar si os condemnados á morte, depois de decapitados, conservam ainda o conhecimento, durante alguns momentos ou minutos. Do que não resta duvida é que a vida animal persiste, apezar da decapitação, e isto durante bastante tempo. As pernas do justiçado, embora atadas, agitam-se de um modo formidavel. Mas o carrasco faz deslizar o tronco com tal rapidez para cahir na cesta, que essas horriveis convulsões são ignoradas de quasi todo o mundo, menos do ajudante do verdugo, encarregado de occultar o corpo quanto antes. Surprehende geralmente a expressão de vida e de tranquillidade que apresentam as cabeças dos guilhotinados. Conservará a cabeça cortada a consciencia, mesmo por alguns segundos, da sua horrivel situação? Divergem as opiniões dos medicos, affirmando alguns que a cabeça decepada pensa durante alguns segundos, sendo este estado o mais atroz supplicio que se possa imaginar.

*

IMPRESSÕES DIGITAES DOS MACACOS. — O chefe da secção de dactyloscopia policial de Nova York, mr. J. H. Taylor, teve a curiosidade de saber como seriam as impressões digitaes dos macacos; e secundado habilmente por miss Gertrudes M. Sullender, celebre especialista na materia, conseguiu obter a collecção completa das impressões digitaes das diversas especies de macacos que se encontram no Jardim Zoologico d'aquella cidade.

O mono é o unico animal cujos dedos dão impressões semelhantes ás do homem e é assombrosa a semelhança que ha entre umas e outras. Enviadas á secção de dactyloscopia e examinadas as impressões deixadas por um gorilla, os peritos viram-se embaraçados a ponto de julgal-as pertencentes a um homem dedicado a trabalhos rudes.

*

AS LENDAS DOS BALKANS. — São abundantissimas as lendas nos Balkans. Ha uma, muito antiga, espalhada na Bulgaria, segundo a qual esse paiz será de novo o imperio que foi ha cinco seculos, quando se tiver descoberto o thesouro dos antigos czares da dynastia dos Ascuidas. Mas esse thesouro occulto em terreno desconhecido só será encontrado no dia em que se tiver descoberto nos campos do paiz uma flor de apparencia humana.

Ora, o czar Fernando, explorando essa crença, affirma ao seu povo que uma flor de aspecto humano foi descoberta nos seus jardins reaes...

*

O PÓ DAS PEROLAS. — O pó das perolas finas tinha um logar preponderante entre as varias formas sábiamente complicadas que eram usadas no tempo da Renascença para o embellezamento da cutis. O uso perdeu-se com o decorrer dos annos; mas agora, nas fabricas de perolas da Arabia, voltou a ser lembrado, descobrindo-se que certas operarias de certas officinas pareciam mais formosas do que as suas companheiras. A cutis, principalmente, tinha uma frescura singular. Investigando-se descobriu-se que o que dava ao rosto esse brilho emprestado era precisamente o pó que vinha do trabalho das perolas. Mas para se obter este pó, ter-se-há de gastar muito dinheiro, a menos que se não prefira ir trabalhar com as operarias da Arabia.

A conquista de Brest-Litowsk pelos Allemães

A gravura mostra os canhões que os russos destruiram antes de abandonar a cidade que foi totalmente incendiada. Os seus 50 mil habitantes acompanharam as forças retirantes.

Laranjeiras celebres. — Entre as laranjeiras mais formosas do mundo figuram as de Versailles e as do convento de Santa Sabina, em Roma. Suas origens remontam respectivamente a 1200 e 1421.

A linguagem das pedras preciosas. — As pedras preciosas parecerão certamente mais eloquentes ás suas possuidoras, quando souberem a significação magica de cada uma d'ellas e o poder que os antigos alchimistas lhes davam.

O diamante é a pedra da felicidade: preserva dos temores nocturnos e dissipa os pesadelos. Attráe a fortuna. Recebe da estrella chamada «Cabeça de Medusa» o poder de alegrar o espirito. Sair-se-há são e salvo de qualquer catastrophe, si se usar um diamante do lado esquerdo, tocando a carne.

A perola é o emblema da modestia. Acalma a colera e apazigua os caracteres exaltados. Facilita a resignação e desenvolve o espirito do sacrificio. Augmenta o poder da belleza, causando uma admiração mais terna.

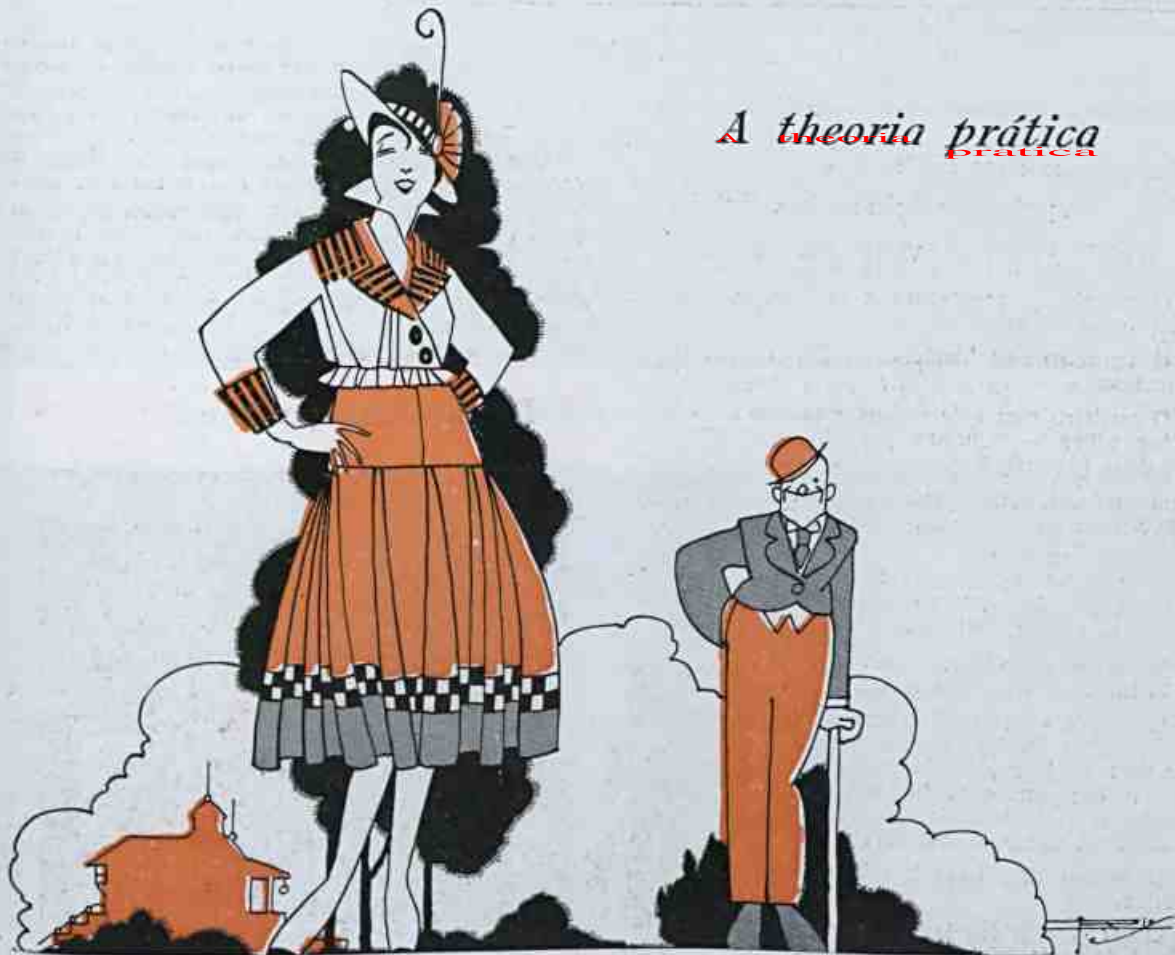
!

Appareceram em varios jornaes, não tendo soffrido contestação, noticias em que se attribue ao revolucionario pacifista coronel Lauro Sodré, a intenção de fundar uma sociedade com o intuito de combater as commemorações das datas militares — 24 de Maio, anniversario de Tuyuty, e 11 de Junho, anniversario de Riachuelo.

Quando, nos procellosos tempos da maior guerra sul-americana, attendendo ao afflicto appello da patria em perigo, os brasileiros marchavam para os sertões paraguayos, nenhum d'elles imaginou que o futuro premio ao abnegado patriotismo fosse o olvido que um senador fardado de coronel reclama para a memoria de cem mil cidadãos mortos, na defensa do Brazil, em remotos campos de batalha.

E' natural que, em materia de guerra, o bravo senador do exercito não queira conservar a lembrança de mortos.

Affastando-a do seu generoso espirito, o meigo senhor Lauro Sodré, de tão apregoada bondade, fica dispensado de mandar as flôres que não manda e nunca mandou, ao tumulo do esquecido general Travassos e dos valorosos rapazes que tombaram bravamente na rua da Passagem, defendendo as criminosas ambições dictatoriaes de quem não soube honrar o magnanimo sacrificio de tantas vidas.

A theoria prática

Ella — Eu gosto do homem elegante quando *a verba concórda com o sujeito.*

RIO CLUB

Baile do dia 14 de Janeiro de 1916

Em Petropolis :

— Que fazes, caro amigo, nesta linda cidade ? Veraneias descançando ou divertindo-te ?

— Eu ! Fatigo-me, aborrecendo-me.

— E's o forçado da elegancia.

— Engano. Sou o prodigo que o calor do Rio obriga a fazer economias no alto da serra.

TRANQUILISANDO-A

A velha senhora não sabia que era dia de manifestações populares. Encontrava-se na Avenida, quando viu vir um grupo, precedido de uma bandeira, a dar vivas. Com medo, ela entrou no primeiro taxi que encontrou, um automovel novo, lustroso, que parecia saido da alfandega naquele momento.

Apenas fechou a portinhola, o auto partiu como uma flecha, raspando sargetas, bonds, inspectores de vehiculos, clareando a rua na sua frente.

Cheia de terror, sacolejada pela trepidação do carro, ela se debruça sobre o chaufeur e exclama :

— Atenção ! cuidado ! E' a primeira vez que entro em automovel.

— Espere, senhora ; paciencia ! responde o *chauffeur*. E' tambem a primeira vez que eu guio um.

Os animaes como emblemas e symbolos religiosos do catholicismo

VI

O cordeiro — representa a innocencia, a pureza e o proprio christão.

O cordeiro com bandeira — Christo victorioso.

O cordeiro com sete cornos e outros tantos olhos — Christo provido dos sete dons (Apocalypse).

O cordeiro, deitado sobre o livro dos Sete Sellos, sobre a cruz, ou sobre um e outra — Christo.

O cordeiro acompanha S. João Baptista, Santa Ignez, Santa Irene, Santa Genoveva e Santa Solanja.

O carneiro é o conciliador. (Moisés, 3, 16-15). Sacrificio de Abrahão.

O cavallo — a carreira pára alcançar o céo. (São Paulo). Representam-se a cavallo : S. Jorge, S. Mauricio, S. Victor, S. Longuinhos ou S. Longino, São Martinho. Santo Hippolyto representa-se amarrado á cauda de um cavallo.

O cavallo sem freio é emblema dos gentios.

O veado — o desejo do baptismo e a fuga da tentação. Attributo de Santo Huberto, padroeiro dos caçadores. Um disfarce do diabo.

O veado desalterando-se num regato — o christão fiel á graça.

Derby Petropolitano

A directoria e o Dr. Nilo Peçanha

Um caipira, chegando ao Rio, desceu do trem e dirigiu-se ao chefe da Estação :

— O sr. sabe me dizer onde mora aqui no Rio um tal João Onofre ?

— Não. Respondeu o agente afastando-se.

O tabaréu o abordou de novo:

— O sr. o conhece ?

— Quem ?

— O João Onofre, marcineiro, que mora aqui na capital ?

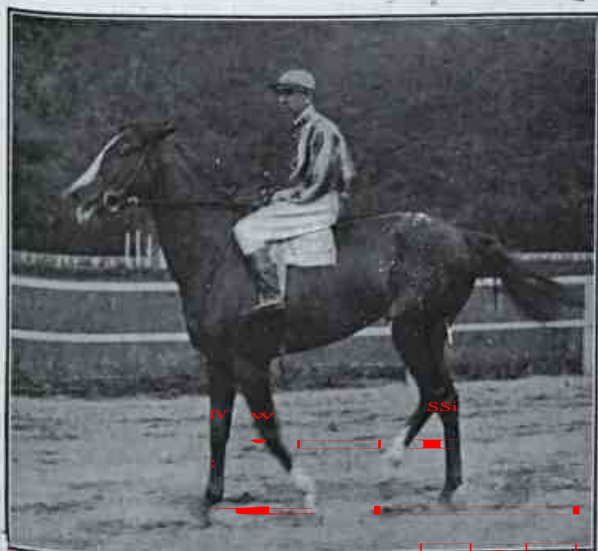
— Não conheço.

— Deveras ! não conhece ?

— O sr. não sabe que o Rio de Janeiro é uma cidade de mais de um milhão de habitantes ? Pensa que devo conhecer todos ?

— Não ; respondeu o caipira. Mas me parece que devia conhecer ao menos um.

Derby Petropolitano

Aspecto d'Archibancada na Corrida Inaugural

«Jandyra» vencedora do pareo Dr. Nilo Peçanha

«Cascalho» vencedor do pareo Imprensa

VICTOR HUGO

A Coelho Netto

Poeta! maravilhado ante a tua grandeza,
A que, no meu amor, poderei comparar-te?
Que imagem haverá, dentro da natureza,
Capaz de traduzir o esplendor da tua Arte?

A arvore? o baobab carregado de ninhos,
De fructos e festões, dando a sombra e o calor,
Velho e verde, em plethora, á margem dos caminhos,
Como um templo pagão, inteiramente em flôr?

A selva peruviana, as mattas do Amazonas,
Onde, em pleno equador, a creação encerra
Todos os vegetaes, das mais extranhas zonas,
Todas as florações que embalsamam a terra?

Ainda é pouco, perdôa: a gloria e a magestade
Das selvas do Brazil, das mattas do Perú,
Jamais exprimirão quanto és grande, em verdade,
Porque muito maior do que ellas são, és tu!

O oceano, a enthesourar, nos abysmos do seio,
A Atlantida sonhada e o leviathan da lenda,
Nos maelstrons rugindo em tumultuario anceio,
— Prometheu encadeado e em continua contenda?

Não: — no mar, como em ti, ha goelanos velozes,
Ha miragens sem fim e riquezas sem par,
Porem, na immensidão, — patria dos albatrozes,
Tu, insondavel Poeta, ainda és maior que o mar!

A montanha? o Himalaya, o vulto formidando
Soerguendo na amplidão, sobre as nuvens supernas,
No fervedouro astral as grimpas mergulhando,
Coroadas de vulcões e de neves eternas?

Ainda não! A energia? Os turbilhões violentos
Da agua invencivel, do ar indomito e da luz?
Das forças naturaes, dos proprios elementos?
— Não! mais forte é o fragor que o teu verbo produz!

Toda a terra? o planeta em cujo ambito enorme,
Ha millenios, chorando, a voz humana echôa,
Sob o peso da dor, perpetua e multiforme?
— Poeta desmesurado, ainda és maior: perdôa!

E o firmamento? o azul? — mares de nebulosas,
E astros, como pharóes, irradiando aos biliões!
E ainda, no além do além, por alturas radiosas,
Myriades de sóes e de constellações...

O infinito, onde canta a musica dos mundos,
Em onde, na orchestração das espheras em côro,
Plangem os carrilhões dos teus versos profundos,
Teus soluços de bronze e tuas bençams de ouro?

Sim! — contemplando os céos, dentro da noite calma,
E idealisando o Azul, é que afinal senti,
Que sómente a amplidão se compara a tua alma,
Porque eu não creio em Deus, mas acredito em ti!

MARTINS FONTES

! ?

A sociedade carióca, desde a senhorita elegante até a matrona austera, sem uma diversão que lhe proporcione um recreio breve, elege o cinema para suppril-a, enchendo diariamente as salas destinadas á reproducção na téla dos vicios e males da Europa em ruinas.

As emprezas fundadas para a fabricação de «films», obedecendo ao lucro certo, pouca seriedade demonstram em organisal-os e as companhias encarregadas de exploral-os aqui, sob o pretexto da guerra, os vão fazendo passar ás vistas do publico, sem cogitar da influencia malefica que elles podem exercer no espirito nem sempre preparado da maioria da assistencia.

Durante os ultimos dias da semana passada, avolumando o cartaz com arrevezados nomes de artistas ainda inéditos, o *Cine-Palais* deu aos seus frequentadores O Obstaculo, da fabrica *Pasquali-film*, em cujo desenrolar, além dos deploraveis esgares das celebridades annunciadas, a assistencia teve através da téla um drama repugnante, em que a figura mais sympathica da *fita*, uma musicista amorosa, não tinha a minima noção de moral, ao menos da moral equilibrada da gente brasileira.

Sendo o *Cine-Palais* um dos salões em que nós, nos intervallos do nosso trabalho, habitualmente passamos alguns instantes, lamentamos a decepção que nos proporcionou no seu programma da semana passada, mas não podemos deixar de frisar claramente o nosso protesto, porque, como nós, não só matronas austeras e senhoritas elegantes foram logradas; creanças e rapazolas inexperientes tambem apreciaram as deploraveis scenas do Obstaculo.

O nosso commentario, porém, não visa ao criterio artistico dos directores do *Palais*; tecemol-o ao juizo critico dos encarregados da vigilancia social.

Não se comprehende como é que, para evitar perturbação, esses senhores fiscalisem mais ou menos os individuos e deixem as salas de diversões frequentadas por toda a classe de gente ao arbitro mercantil das emprezas que os exploram.

Este leve commentario, sem outro intuito que o de amparar o desenvolvimento da nossa sociedade, tornava-se necessario. A policia exerce severa censura nos theatros, velando pela moralidade das platéas do Rocio e cercanias e, no entretanto, onde o seu zelo mais se devia manifestar, nas exhibições cinematographicas, os srs. delegados nem sequer procuram pôr-se ao corrente do assumpto dos dramalhões a serem exhibidos, deixando que creanças e senhoritas, indo procurar um recreio em uma sala elegante, saiam della com o cerebro povoado de scenas deprimentes.

Galanteio

— Estas laranjas são doces ?

O fructeiro, galanteador: — Devem ser. A senhora esteve tanto tempo a olhar para ellas.

Parece que os allemães não desprezam os seus inimigos, nem lhe negam o valor. O Chanceller Bethmann-Holsveg, dirigindo-se ao Reischstag, disse, na sessão de Agosto: «*Não obstante o seu desprezo pela morte*, os francezes não conseguiram romper a nossa linha da frente occidental».

Ambos contra Elle

Cada um delles: — Este está commigo!

FIGURAS E COUSAS DE OUTRAS TERRAS

GENERAL DIMITRIEFF. — Ha quarenta e seis annos nasceu na aldeia balkanica de Gradetz, perto de Hotel, na Bulgaria, um menino que se tornaria celebre na Europa como o heróe de Kirk-Kilisse.

Radko Dimitrieff, que adquiriu fama européa no outomno e no inverno de 1912, foi educado para a carreira das armas e, em 1879, entrou como tenente na Milicia da Roumelia Occidental. No anno seguinte foi mandado para a Russia afim de proseguir seus estudos militares, alli permanecendo até 1884, quando regressou á patria. Justamente um anno depois rompia a revolução, dando-lhe opportunidade de revelar as suas qualidades militares. Tomou parte nas batalhas de Dragoman, Tzaribrod e Pirot, e foi condecorado com a Ordem de Bravura pelo principe Alexandre. No começo da revolução, Dimitrieff, que então occupava o posto de Chefe do Estado Maior, tomou parte activa na captura e expulsão de Battenberg da Bulgaria. Forçado a fugir para a Russia após a contra-revolução, permaneceu no exilio até 1898, anno em que voltou para Sophia, sendo depois nomeado para o Estado Maior do Exercito Bulgaro. Em 1905 foi nomeado general de divisão.

Uma de suas qualidades mais notaveis é seu talento em disciplinar os jovens officiaes do EstadoMaior; e, antes da guerra de 1914, elle prestou excellentes serviços na preparação do abastecimento geral.

General Radko Dimitrieff

E tal foi a perfeição do equipamento, especialmente na artilharia, que os torrenciaes successos dos Bulgaros contra os Turcos foram devidos ao seu avanço contra Chatalja. Kirk-Kilisse foi tomada a 24 de outubro de 1912, após tres dias de um furioso combate.

Durante esta e as subsequentes operaçõs, Radko Dimitrieff, vestido com um capote de um simples soldado, apparecia constantemente na linha de fogo, chefiando e encorajando seus homens. Elle é um daquelles soldados da nova escola que conhecem a fundo o departamento de sua profissão e combinam a theoria com a pratica. Dimitrieff é tambem um «general de soldados», como o provou a sua conducta em Kir-Kilisse; está sempre em espirito com o combatente, e conhece como empregal-o com melhor vantagem. E, nas tarefas parallelas á guerra, tão importantes nas campanhas modernas, é elle tambem de uma perfeição admiravel, um mestre de detalhes de transporte e de equipamento. Este grande guerreiro é tambem um habil diplomata. Em março de 1913 foi mandado á Conferencia Rumano-Bulgara em Petrograd, onde foi o heróe das demonstrações populares. Regressando em abril, foi nomeado, em setembro seguinte, Ministro Bulgaro na Russia.

Durante a presente guerra, elle exerceu um alto commando no Exercito Russo, e, deante de Przemysl, proferiu a celebre phrase: «Não conteis os inimigos; esmagai-os!» Ultimamente elle commandava o districto de Riga, onde recebeu o Czar e o Czarevitch.

Depois que a Bulgaria entrou na guerra ao lado dos Austro-Allemães, o general Dimitrieff devolveu suas condecorações bulgaras, dizendo que não queria usal-as emquanto o rei Ferdinando estivesse no throno. O heróe de Kirk-Kilisse julga quasi um sacrilegio a ingratidão da Bulgaria contra a Russia, principal factor da sua independencia do dominio turco.

Ás pessôas nascidas em Janeiro

22 — Terão o espirito curioso e pesquizador.

23 — Grandeza d'alma na adversidade.

24 — Elevação aos altos cargos publicos.

25 — Loquacidade, eloquencia, verbosidade.

26 — Aptidão para a mecanica e para a esculptura. Permanecerão no celibato.

27 — Após longos annos de uma prospera carreira commercial, soffrerão grandes revézes.

28 — Caracter altivo e independente.

29 — Espirito orgulhoso, obcecado pelo egoismo.

E' tão grande, na sua imponente singeleza, a gloriosa figura de Alberto I, o Rei Heróe, que a sua sombra cobre, privando-os de apparecer, os épicos vultos dos outros sublimes guerreiros belgas.

O rei Jorge, porque só apparece nos campos de batalha para cahir dos cavallos no exercicio da sua funcção honorifica de rei, não apagou o nome dos heróes britannicos: French, Douglas. Hamilton, generaes em chefe em varios theatros da lucta.

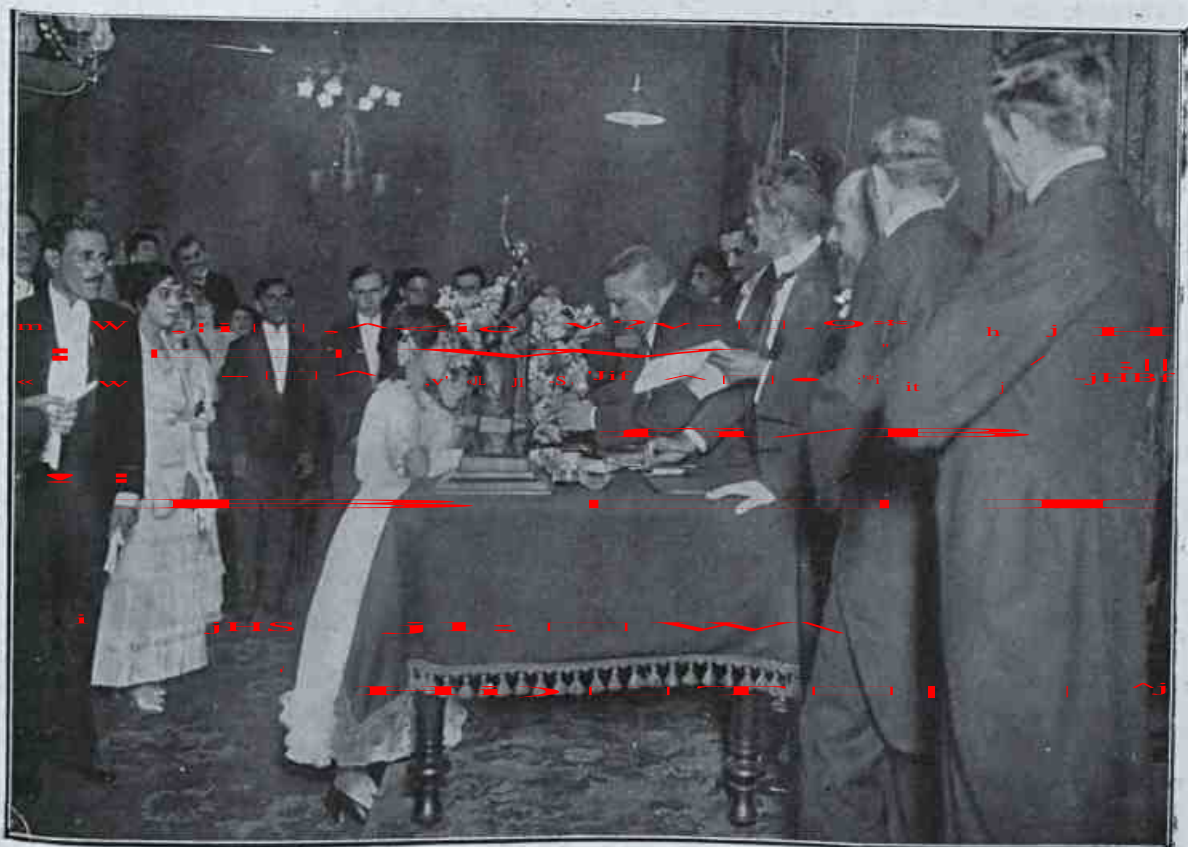
Apezar de um Poincaré ser um bravo capitão de caçadores alpinos, podem apparecer Joffre, Castelneau, Foch, Serrail, os grandes chefes francezes.

O rei da Italia acompanha como soldado as operações do seu exercito e, no entanto, sabemos que o chefe das tropas peninsulares tem o nome de Cadorna.

Em summa, qualquer homem de qualquer paiz é capaz de dizer como se chama o general d'este ou d'aquelle exercito, menos o do generalissimo belga.

Porque o rei Alberto combate na fileira como soldado, confundem-n'o com o general em chefe das suas heroicas tropas.

O supremo director dos exercitos da grande nação belga é o *generalissimo* Wileman.

Collação de grão na Escola livre de Odontologia do Rio de Janeiro

A senhorita Regina Samuel da Silva, recebendo o grão de Cirurgiã Dentista

A GUERRA

Prisioneiros francezes fazendo musica em instrumentos por elles fabricados

VISÕES DA ÉPOCHA

Depois de um passeio revigorador, entre o cantico das ondas e os cochichos da floresta, em que vivemos através de nossas ideias, longe das agencias litterarias dos bars vulgares, voltando ao centro da cidade, sentiamos novamente a pressão sensual do vulgacho elegante.

Eramos tres os penitentes. Cada um de nós, firmando a imagem nos arabescos da primeira phrase cunhada ao fulgor da palestra, tentava tirar effeitos beneficos do systematico rythmo vital.

Mas, ao sentirmos o contacto da paysagem, a alma leve e o coração calmo, a memoria se nos povoava de visões, espectros amados, reliquias do passado...

Chegamos finalmente á avenida Central ; e, experimentando a tortura ideal do extase desfeito em plena realidade, um dos que formavam o grupo, justamente o que mais sonhava, deteve o olhar mortiço sobre a multidão, murmurando-nos em segredo o tédio que ella lhe provocava :

— Sabbado !... Como é monotona a vida no cyclo resumido da gente chic. Faz-me mal aos nervos esse movimento regular. Fujamos delle.

O mesmo pensamento dominava aos nossos espiritos esquivos á mercê das sensações da rua.

— Devemos prolongar a agonia de nossas almas, embolsamol-as na poeira das reminiscencias, para termol-as pelo resto da noite ao arbitro das bellezas do dia.

Aprovamos a ideia e principiavamos a discutir o recreio que nós deviamos tentar, para o prolongamento do prazer sentimental do dia, quando o mais silencioso de nós tres falou :

— Precisamos cousas leves que, desviando o nosso olhar das impressões sacrilegas da via publica, arraste as nossas almas á phantasia rapida da musica bregeira, obrigando-as a dançar como vagalumes.

Concordamos os tres e, sob a directriz da phrase vencedora, tecendo novas phrases, chegamos á conclusão de que o unico palco, segundo annuncios zunidores, capaz de nos proporcionar o almejado recreio éra o theatro *Phenix*.

E, dirigindo os nossos passos ao salão elegido, atravessamos a platéa e fomos tomar lugar na primeira fila de cadeiras, ao pé do fundo buraco em que a orchestra, acocôrada, espalhava machiavelicos sons pelo paciente ouvido da assistencia adormecida.

Confiados no alto preço do ingresso, limpamos as as lentes de nossos oculos e aparamos os ouvidos em concha, para vêr e ouvir a encantadora voz da «belleza» feminil que o programma indicava á curiosidade famelica dos desoccupados.

Solemne como um parocho de aldeia ante o côro dominical da freguezia, o maestro exsurgiu do assoalho, içou-se ao estrado em fórma de cadafalco e assobiou baixinho como a chamar um cão predilecto. E em seguida, emquanto os instrumentos rasgavam o silencio em fragmentos rispidos de échos confusos, as cortinas abriram-se e, toda a sala, estremecendo, teve um abafado gemido de espanto.

No fundo do palco, armado em gruta excusa, foi se avolumando um esqueleto até vir definir-se no centro da scena, pelas vestas visiveis agora, no busto esmagado de uma dama extrangeira.

— E' o fakir da «Noite» vestido de bailarina — commentou um tabaréo desconfiado ao meu lado..

Um pequeno de olhar vivo, que andava a fazer cabriolas pelas frisas, approximou-se de nós e, olhando á dama, bradou despudoradamente :

— Olhem a camareira da pensão onde mora!...

O pai, sem duvida, um velhote tezo, puxou lhe as orelhas e arrastou-o para junto de si reprehendendo-o :

— Com as bruxas não se brinca nem mesmo quando os emprezarios espertos as transformam em moscas cantadeiras para melhor tentar os ingenuos.

A dama, nesse instante, cumprimentava o publico e abria a bocca pela primeira vez...

Toda a assistencia olhou para o alto tecto do theatro.

— Ha chuveiro lá em cima!

— Trariam o Manequinho do Belmiro para tomar parte na funcção, sem licença da Prefeitura ?

E em segredo, uns para os outros, todos os conspicuos senhores e todas as senhoras illustres, que se achavam na platéa, trocavam opiniões sobre a origem dos sons extranhos que se rebolcavam pelo ambiente.

E a dama, no meio da scena, continuava de guella aberta como um *caça-nickel*.

De repente, porém, ella curvou o corpo para o publico e desappareceu, cessando os sons extranhos, emquanto o tabaréo erguia a voz e exclamava victoriosamente.

— Eu não me engano assim como qualquer critico da cidade...

Desde que aquella «cousa» surgiu no tablado que principiei a notar o desarranjo em toda esta gente cá de baixo...

Não durou muito a calma na assembléa entregue ao imprevisto dos numeros sensacionaes da noitada.

Um par, ás capoeiras, veio substituir a cantora e, sem a minima cerimonia, prendeu-se num dialogo temivel de engraxates.

Após este, um simio pernilongo de rudimentar feição humana, entrou a quebrar pratos, estacando de quando em vez junto a uma enorme bola de borracha como um burrico emperrado, sem conseguir despertar o publico da tyrannica somnolencia que o dominava.

Um dos companheiros, ao vêr a pacata submissão do publico ante a audacia aventureira do engenho mercantil, ergueu-se horrorisado :

— Fujamos daqui...

Puz-me tambem de pé e, correndo o olhar pelo theatro todo, percebi um gemido da consciencia :

— Bem faz o belchior impondo as «variedades» do seu mercado á inerte vagabundagem patricia.

Os tres, com remorsos de termos sacrificado as impressões bizarras do dia nesse epilogo doloroso do senso esthetico carioca, abandonamos o theatro Phenix e, de volta ao gabinete de trabalho, lembrando a cultura brazileira, tinhamos a sensação de cambalear sobre os destroços de um templo em ruinas.

GARCIA MARCIOCCO

Galanteio páo

ELLA — O senhor já é o quinto homem que me importuna com seus galanteios. Eu estou convencida de ser a *dama dos páos*.

Redacção — Rua 15 de Novembro, 27 — 1º andar

A SEMANA

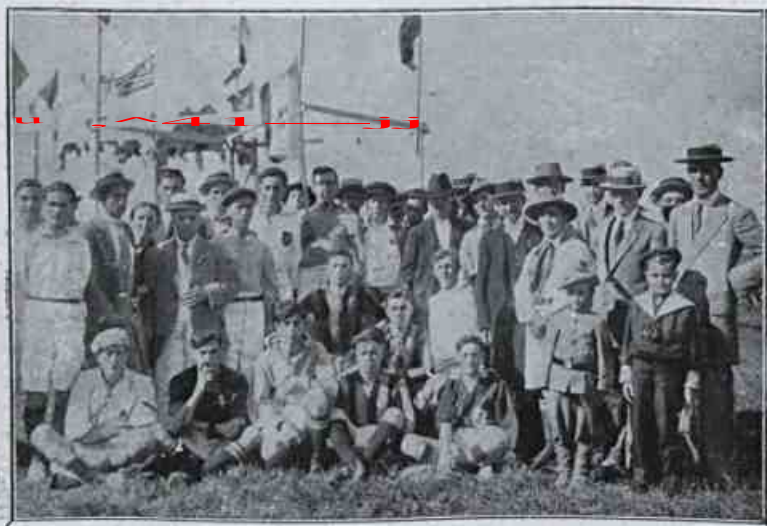
Esses oito dias foram de pasmaceira, de uma pesada monotonia que não nos deixou, atravéz dos varios aspectos do nossa vida social e urbana, um facto que valha a pena relatar, um detalhe que mereça um vago commentario ou que solicite uma simples nota, traçada ás pressas, á margem da semana.

A missão do chronista em uma capital como a nossa, onde tudo se uniformisa com a regularidade entediadora de um pendulo, onde os dias se succedem, com uma exactidão assombrosa de minucias, fazendo lembrar uma velha peça, muito estafada, insupportavel á força de ser repetida, num mesmo palco e pelos mesmos comparsas, é positivamente torturante.

O programma está de antemão traçado, com plagio arripiador do programma da vespera, e a gente já sabe, ao deitar-se, que no dia seguinte os factos succederão, nas ruas, nos lares, por toda a parte, com a mesma apparencia desinteressante dos outros dias, sem uma nova surpreza, um acontecimento imprevisto que ponha em nossa vida mundana, habitualmente insignificativa pela banalidade apagada dos seus traços, uma palpitação mais intensa ou uma vibração desnorteadora que nos desperte no espirito fatigado pela insipidez desconfortante das coisas, a consciencia clara e consoladora de que realmente vivemos...

E si, por um doce milagre, as nossas ruas vibram um instante sob uma tumultuosa alacridade de festas ou se os nossos salões crepitam de subito, mergulhados num oceano de harmonias avelludadas, ao quente rumor que se dispensa pela atmosphera saturada de aromas finos, num curto momento que não se chega bem a reter, tudo reentra de novo no silencio e na sombra...

O paulista, habituado a esses longos crepusculos, que lhe embotam, pela inercia, o senso esthetico, a espiritualidade, a «verve», o bom humor, incapaz de um esforço impetuoso que regenere, por uma remodelação de todos os nossos habitos, esta sociedade entorpecida por uma tradição casmurra que nos envelhece, torna-se, cada vez mais, o ser enfadonho, arredio, «ensimesmado» espleenetico, que mal falla nas ruas, que boceja nos theatros, e que tem sempre, entre pessôas que folgam e riem, o relogio entre as mãos, nu-

Festa pró-flagellados no Prado de Mocca

Os vencedores da justa Sportiva

Festa pró-flagellados no Prado da Mooca

giões, perdidas entre silvas e brenhas, uma vaga nostalgia de quem já não possue invios sertões para desbravar rijamente...

CARLOS RIBEIRO

PELAS IGREJAS

Santa Ephygenia, — a meiga santa de olhos languidos e claros, infinitamente misericordiosa, cujos labios cheios de suavissima doçura parecem estar sempre a balbuciar preces consoladoras pelos que andam a pizar sobre cardos e urzes — tem o seu templo, de uma encantadora magestade, na praça meio entulhada pelo alvião do Progresso que anda a corrigir com amoroso cuidado e superior comprehensão dos preceitos de esthetica, o desmantêlo das casas mal alinhadas e a asperezza ondulante do sólo que se desdobra sob pedras rugosas, ao lado da bella esplanada do Municipal.

Altares finos e alongados, artisticamente talhados em blócos de marmore raro, cuja immaculada brancura, a contrastar com o leve colorido que veste as columnatas esguias, põe em nossa retina a doce impressão de um delicioso painel; paredes macissas, com lindos vitraes, finalisando no alto, sob o ouro vivo da abobada que numa curva muito mansa colmalhe a nave esplendidamente ampla, á bella igreja, abrigo da milagrosa santa de nome tão docemente suggestivo, nunca faltam fieis, genuflexos e contrictos, á hora matinal da missa das 8, quando naquella vaga penumbra saturada de incenso, ondas de harmonias se dispersam, como vozes celestes, pela nave de onde sobem, num avelludado rumor, as orações dos crentes...

ma consulta anciosa em que transparece um impaciente desejo de fuga...

No entanto, não ha negar-se, o paulista conserva, no fundo dessa somnolencia, mais producto de um habito do que um defeito de temperamento, mais artificial do que propriamente de origem, um espirito atilado e arguto, poderosas faculdades de percepção e de analyse, um fino gosto pelas coisas de arte, uma nitida comprehensão dos usos consagrados pelas sociedades superiormente elegantes, uma decidida tendencia para as «poses» supremas...

O meio, vinculado a um pernicioso vicio de tradicção, a um detestavel costume que nos ficou dos nossos rudes antepassados absorvidos em seus penosos sonhos de conquista, sem vagares para se deterem nessas mil ninharias que amenisam e descongestionam a vida, nos transmitte esta incommoda tristeza que parece provir da esbatida miragem de mysteriosas re-

Um pic-nic em Mogy das Cruzes

Festa de beneficencia no jardim de Acclimação

Notas elegantes

Madame é gentil, espirituosa e infinitamente encantadora. Adora o «chic», o «snobismo», os requintes de elegancia, com decotes amplos e alvos collos mordidos de diamantes, surgindo dentre dobras macias de sêda negra. O seu lindo palacete, erguido com indolencia bizarra, entre roseiraes em flor e verdes tufos de folhagem, é um delicioso ninho de amor, onde Madame, desde algum tempo, avaramente occultava a sua ventura, uma doce ventura de «menage» imperturbavelmente feliz.

E estava nisso o esquisito capricho de Madame que, adorando com delirio as festas mundanas sob a crepitação fulgurante das luzes, entre casacas e sêdas roçagantes, com musica finamente dedilhada por mãos longas e brancas, e palestras espirituaes em que vibrem ironias filigranadas, deixou inesperadamente de reunir sob o seu tecto dourado que abriga as mais adoraveis maravilhas de arte na luminosa amplitude dos salões alcatifados, a sociedade distincta, intellectual, elegante e cavalheiresca, que a corteja e a admira atravez da finura do seu espirito maleavel e da soberana plasticidade de sua belleza excepcionalmente arrebatadora.

Madame passou a ter excentrica aversão ás «soirées» em casa, na doce intimidade do seu lar onde esplende uma invejavel ventura... Ciume das coisas raras que o seu gosto de mulher culta alli superiormente accumulou ? Não. Madame é vaidosa, muito vaidosa mesmo, e tem um supremo prazer em patentear á olhos extasiados os prodigios de sua arte de eximia collecionadora de raridades preciosas, das quaes resalta sempre um cunho inconfundivel de ineditismo...

* * *

Alguem fez sentir á Madame a inconveniencia desse egoismo que lhe quebrava a linha impeccavel de mulher gentilmente sociavel, e punha sob a aguda e malevola curiosidade dos extranhos essa face mysteriosa de sua existencia mundana, na qual parecia palpitar um segredo mordente...

Madame ruborizou-se, disfarçou a subita emoção que lhe accendeu vivamente o rosto encantador, emquanto, ao lado, «Monsieur» sorria com maliciosa jovialidade.

* * *

«Monsieur», afinal, venceu os escrupulos de Madame, e obteve della permissão para revelar aos seus amigos, a origem desconhecida daquella inexplicavel conducta.

Madame tornara-se, desde alguns mezes, mãe de uma creaturinha galante que lhe dilatára a existencia, povoando-a de novos anceios e de alvoroçantes alegrias, e deixara-se possuir, subitamente, de um cioso e mystico zelo pela imperturbada religiosidade do seu lar duplamente feliz, emquanto um enleio inexplicavel fechava-lhe na boquinha escarlate a confidencia perturbadora...

A guerra, julgada pelos grandes escriptores

V

Quando me occorre, tão só, esta palavra — *guerra*, sinto um sobresalto, como si me falassem de feitiçaria, de inquisição, de uma cousa remota, acabada, abominavel, monstruosa, contra a natureza.

Quando nos falam de anthropóphagos, sorrimos com orgulho, proclamando a nossa superioridade sobre esses selvagens. Mas quaes os selvagens, os verdadeiros selvagens? Aquelles que se batem para devorarem os vencidos, ou os que se batem só para matar, nada mais do que para matar? Aquelles soldados imberbes que vêdes alli abaixo, correndo, estão destinados á morte, como os rebanhos de carneiros que, pelas estradas fóra, os magaréfes conduzem. Irão cahir numa planicie, fendida a cabeça por uma espadeirada, ou furado o peito por uma bala; e são todos elles rapazes que poderiam trabalhar, produzir, ser uteis. Seus paes são velhos e pobres; suas mães, que durante vinte annos os amaram, os adoraram, como as mães adoram, hão de saber, dentro de seis mezes, de um anno talvez, que o filho, o filho já homem, creado com tanto custo, com tanta despeza, com tanto amor, foi lançado numa côva negra, como um cão rebentado, depois de ter sido esphacelado por uma bala, e calcado, espesinhado, esfarelado, feito em lama pelas cargas de cavallaria. Porque lhe mataram o seu rapaz, o seu bonito rapaz, que era a sua esperança unica, o seu orgulho, a sua vida? Não sabe. Sim, porque?

A guerra!... bater-se!... degolar-se! massacrar homens! E temos hoje, na nossa epocha, com a nossa civilização, com a extensão de sciencia e o grão de philosophia a que se crê haver chegado o genio humano, escolas onde se ensina a matar, a matar desde muito longe, com perfeição, muita gente; a matar pobres diabos de homens innocentes, carregados de familia e sem cadastro judiciario!
— Guy de Maupassant.

No Slesvig allemão compareceu perante o tribunal a senhorita Margarida Kier, accusada de ter ficado noiva de um prisioneiro russo empregado na herdade de seu pae. A senhorita Kier, em resposta ás perguntas dos magistrados, declarou que noivára com pleno conhecimento e consentimento de seus progenitores, pretendendo casar-se logo que a paz modifique as actuaes condições da Europa. Indignado, o presidente do tribunal, profligando a conducta da *ré*, disse que tal noivado constituia um grande escandalo e devia ser punido como uma offensa á Allemanha. A senhorita Kier foi condemnada a cento e vinte dias de prisão.

Como na guerra

— E' o que lhe digo, seu doutor. A crise ainda está no começo. Quando nos pagam em papel, as notas estão sempre em frangalhos

— E' o que se chama: *arame farpado.*

Os moveis e tapeçarias de nossa fabricação são inegualaveis pelo acabamento, elegancia e originalidade dos estylos

Leandro Martins & C.ª — Ourives Ns. 39-41-43

Momo & C.ia

Esperado por uma minoria galharda, temendo talvez o resfriamento torturante que o máu tempo lhe imporá, Momo sacode a carapuça de longe, faz ouvir os sons de suas gardalhadas sadias, veste a tunica furta-côr dos guizos, mas deixa-se ficar em casa, não sahe á rua nem visita os bars.

O pequeno grupo que o aguarda desde o inicio do anno novo, espera-o todos os domingos pacientemente sob a periodica chuva semanal, espalha-se pela avenida e, desesperado emfim, dispersa-se pelos cinemas ou recolhe-se ao tugurio maldizendo a falta de escrupulo dos altos poderes que o Mucio contempla e domina.

Em alguns clubs, porém, sob a batuta orgiaca dos respectivos capitães, os comparsas do idolo da pandega agitam as longas pernas e mostram os ponteagudos dentes alvos, executando improvisados programmas em homenagem ao impagavel *papão* das cavernas carnavalescas.

O «Club dos Democraticos», veteranos *carapicuis* dos tempos benéficos de riso amplo, esquecendo o desvirtuamento que teve o galhofeiro Momo na temivel figura do Dudú, trabalham para que o Deus da alegria retome o seu verdadeiro figurino.

Para que esse glorioso fim fosse attingido, celebrando o 49 anniversario de sua organisação, a directoria dos galhardos «Democraticos», armou a sua tenda em palacio encantado, encheu-o de fadas e, dando a palavra a *Pierrot*, ordenou a este que assoprasse ás turbas indigenas que o Carnaval estava na rua.

E na noite de 19 do corrente, aos sons infernaes do *Zé-Pereira*, o seu tocaio *Zé-povo* teve as primeiras impressões da caratonha tentadora em que fatalmente se transformará a austera physionomia urbana.

-oo ▫ oo-

— Vê aquelle pobre sujeito ? Já foi abandonado por quatro medicos successivamente. Nenhum se quer incumbir do tratamento dele.

— Coitado ! Que molestia tem ele ?

— Pobreza. Não póde pagar os medicos.

-oo ▫ oo-

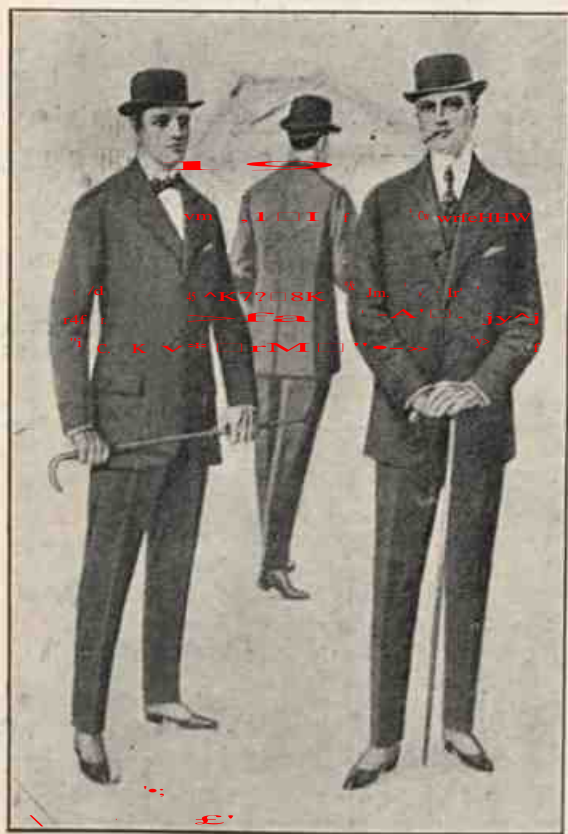
Na aula de Geographia

— Sr. Antenor, queira responder : qual é o principal rio da Africa ?

— E' o Nilo.

— Está bem. Diga-me agora alguma particularidade d'elle. Que se vê, em certas épocas, nesse rio ?

O Antenor emmudece um instante, como para coordenar as idéas. Depois exclama com convicção :

— Isso é muito difficil. No Nilo não se póde vêr nada por causa das cataractas.

O TAMBOR DO DESERTO

(Robert Hichens)

Nascido em Speldhurst em 1864, Robert Smittye Hichens fez seus estudos no collegio de Clifton, depois em Bristol onde dedicou-se á musica. Em 1890 partiu para Londres entregando-se ao jornalismo, collaborando nos maiores jornaes londrinos *Pall Mall Gazette*, *New Rewiew*, *Evening Standard*, *Graphic*, etc. Fez representar duas peças, acolhidas com enthusiasmo pelo publico: *The Medicine Man* e *Rechey Sharpe*. *O Cravo verde* e *O escravo* são romances celebres, de sua autoria, em que satyrisa a moderna sociedade de Londres. *Bella Dona*, *Jardim de Allah*, *Carneiros da Barbaria* são estudos da Algeria onde passa sempre uma parte do anno. E' humorista de nomeada, genero genuinamente britannico.

* * *

Eu não sou supersticioso. O habitante do Sahara o é. Tem muitas e curiosas crenças; quando alguem vive com elle e quando alguem o vê cada dia em sua casa, quando ouve suas dramaticas narrativas sobre a luz do Sahara, sobre seus rumores e visões, sente abalado o espirito de logica. Talvez seja a influencia da solidão e dos grandes espaços que incline o espirito do mesmo Europeu á crença oriental? Quem o póde affirmar. A verdade é que no Sahara póde-se acreditar no que não se admittiria em Londres, e ás vezes as circumstancias parece provarem-nos que essas crenças não são tão desprovidas de fundamento.

De todas as superstições do Sahara a que mais impressionou minha imaginação foi a do *tambor do deserto*. O habitante do Sahara pretende que, longe das habitações, entre as dunas de areia, o som agudo ou o rolar surdo dum tambor, chega muitas vezes aos ouvidos dos que viajam por aquella immensidade. Olham em torno de si, não vêm nada e entretanto a musica mysteriosa continua. Então, si são filhos do deserto, recommendam-se a Allah; pois sabem que um desastre deve acontecer-lhes e que um delles está condemnado á morte.

Eu ouvira muitas vezes falar de catastrophes que haviam sido immediatamente precedidas daquelle famoso rufar de tambor. E uma noite, em pleno deserto, fui testemunha de uma aventura que nunca esqueci.

Por uma tarde de primavera, acompanhado d'um joven arabe e d'um negro, descia uma pequena collina do Sahara e percebi na cavidade arenosa do valle, o pequeno agrupamento de choças chamado Sidi-Massarli. Estava a cavallo desde a madrugada atravessando as partes devastadas do deserto. Tinha fome, estava fatigado e um pouco abatido mesmo; o ar vivo, o ceu claro, as planicies despidas de vegetação, haviam contribuido para me collocar numa condição semelhante a d'um homem hypnotisado.

Devia passar a noite em Sidi-Massarli; parei e contemplei o logarejo com melancholia. Primeiro vi um grupo de palmeiras rodeado por um muro de terra muito baixo, no qual estavam incrustados ossos esbranquiçados de camello; cabeças dessecadas de formas estranhas pendiam de algumas arvores com cachos de pimentas vermelhas e pedras redondas. Atravez do muro, ao pé do qual se achava um fosso d'agua estagnada, havia um punhado de tendas miseraveis com os tetos e portas de pão de palmeira. Para ser exacto, creio que havia cinco.

O *bordj* ou abrigo dos viajantes onde eu devia alojar-me á noite era isolado e não longe de uma fonte, a beira de uma grande duna de areia. Era uma pequena casa de terra com tecto de telhas vermelhas, pequenas janellas abobadadas e uma estribaria aberta, para os cavallos e mulas. Em torno o deserto immenso e vasio.

Poucos signaes de vida havia d'aquelle lado: algumas meias seccavam sobre o muro de um café arabe, alguns cabritos pinoteavam atraz de uma pilha de saccos, pombos voavam em torno de um pombal e um burro espojava-se n'um monte de pó... enfim alguns signaes de morte, carcassas de camellos mostrando aqui e alli suas formas phantasticas. O vento assobiava a redor dessa aldeiola vagamente hospitaleira e a luz escura da noite começava a estender-se no ceu.

De repente o meu cavallo rinchou ruidosamente. Sobre a collina opposta um cavallo branco appareceu, um manto vermelho fez-se vêr. Um outro viajante, um *Spahi* chegava para seu repouso nocturno. Eu distinguia agora o tinido das esporas, o arrastar de suas altas botas vermelhas contra a sella pontuda. Elle tambem galopava para o *bordj*; no momento em que me puz a caminho, percebi uma longa corda fixa á sella e tendo na outra extremidade um homem que corria pesadamente sobre a areia grossa, como uma creatura abatida e vencida.

Entramos ao mesmo tempo em Sidi-Massarli e paramos simultaneamente deante da porta do *bordj*, na qual appareceu um Arabe zarolho que me olhou fixamente: era o hospedeiro. Numa das mãos trazia uma enorme chave e, como eu descia do cavallo ouvi-o perguntar ao meu creado Doud quem eu era e donde vinha.

Mas, toda a minha attenção estava concentrada no Spahi e no seu companheiro. Este Spahi era um homem magnifico e parecia uma aguia do deserto. Seus olhos negros prescrustadores, fixavam-me tranquillamente ao passo que sentado como uma estatua sobre o seu cavallo esperava pascientemente que o guarda do *bordj* estivesse disposto a occupar-se delle.

Em seguida o meu olhar cahiu sobre o homem atado á corda e ahi parou compassivo; este era tambem um bello specimem da humanidade, um gigante, nobremente vestido, com uma soberba figura de esphinge. Largos supercilios sombreavam seus grandes olhos; seus grossos labios estavam separados para permittir a passagem á respiração anhelante e sua pelle morena estava coberta de suor.

Conservava-se perto do cavallo do Spahi e sua figura não exprimia sinão o abatimento physico. Como eu o olhasse, o Spahi deu um brusco puxão na corda a que elle estava preso. O prisioneiro aproximou-se do cavallo, depois lançou-me um olhar humilde, extendeu a mão dizendo-me com voz doce e musical:

— Da-me um cigarro *Sidi*.

Abri minha carteira e dei-lhe um, mas ao mesmo tempo, diplomaticamente extendi outro ao Spahi.

Foi assim que travamos conhecimento, pois no meio das planicies do Sahara a intimidade entre viajantes estabelece-se depressa.

O Arabe zarolho conduziu nossos cavallos á estribaria e, emquanto meus dois servidores occupavam-se na sala em desenfardar minha refeição e preparar as cobertas para a noite, travei conversação com o Spahi que fallava bastante bem o francez.

Elle disse-me que ia a El-Arba — uma longa viajem atravez do deserto de Sidi-Massarli — para conduzir até lá o homem atado á corda.

— Mas quem é então o seu prisioneiro? perguntei.

— Um assassino, Senhor, respondeu o Spahi tranquillamente.

Eu olhei ainda o homem que enxugava o suor da testa com a mão. Elle sorriu e fez um gesto de assentimento.

— Elle comprehende o francez?

— Um pouco.

— Então elle cometteu um crime?

— Em Tunis. Sim, Senhor. Estabelecera-se ali como carniceiro. Degollou um homem.

— Porque, diabo?

— Não sei lá muito bem, Senhor. Talvez fosse um rival. Faz calor em Tunis no verão. Isto passou-se ha cinco annos e desde então elle estava na prisão.

— Porque o conduz a El-Arba?

— Elle foi perdoado; mas não lhe é mais permittido voltar a Tunis. Ah! Senhor, elle está seriamente furioso por ter de partir; ama uma dançarina Aïchouch que dança com os judeus n'um café perto do lago. Elle pedia-me para ficar na prizão, contanto que fosse em Tunis. Não a via nunca, mas estava na mesma cidade, comprehende? era já alguma cousa. No primeiro dia elle corria atraz do meu cavallo maldizendo-me por conduzil-o. Mas agora a areia entrou na sua garganta. Está tão fatigado que apenas póde seguir-me. Então não me maldiz mais.

O gigante captivo sorriu-me ainda.

Apezar da sua alta estadura e seus modos impressionantes, eu achava-lhe um ar doce e submisso. A historia de sua paixão por Aïchouch, seu desejo de ficar perto della mesmo na cellula d'uma prizão, tinham-me impressionado. Lamentava-o sinceramente.

— Como se chama elle? perguntei.

— M'hammed Bouazziz. E eu Saïd.

Como eu desejava andar para repousar e ver ao mesmo tempo Sidi-Massarli antes que o crepusculo tivesse cahido completamente acendi um charuto e preparei-me para dar uma volta.

— O Senhor vae passear? perguntou-me o Spahi fixando seus olhos no meu charuto.

— Vou.

— Vou acompanhal-o.

— Ou á minha carteira, pensei.

— Mas este pobre homem, disse apontando o assassino. Está extenuado.

— Não faz mal. Virá comnosco.

O Spahi deu uma sacudidella na corda e puzemonos a caminho, o assassino trotando atraz de nós como um animal acuado.

Agora, um crepusculo frio e triste cahia sobre o Sahara.

O vento levantava-se. Mais tarde, durante a noite houve um furacão; nesse momento não havia sinão uma forte brisa que fazia dançar os grãos de areia. O assassino estava calçado de sandalias e o ruido dessas sandalias correndo atraz de mim, causava-me uma impressão penosa.

Entretanto o Spahi continuava a fixar o meu charuto tão obstinadamente que fui obrigado a offerecer-lhe um. Em seguida voltei-me um pouco para o assassino extendendo-lhe tambem minha carteira, mas o Spahi ficou tão zangado que colloquei a carteira no bolso. Não é prudente offender os fortes, mesmo quando nossas simpathias estão com os fracos.

Sidi-Massarli foi depressa visitada. Possuia um café mouro para o qual atirei um olhar. Alguns Arabes estavam sentados em cadeiras jogando cartas.

— Em todo caso, pensei, terei meu café depois do jantar.

Dispunha-me a voltar ao *bordj*, quando a extrema desolação do deserto que nos cercava e que agora desapparecia a meio nas trevas de uma noite sem lua despertou em mim um desejo. Sidi-Massarli era triste mas continha ainda habitações. Longe de toda a civilisação, eu queria sentir a vida do mundo, mas sentil-a de uma maneira intensa. Queria circundar a montanha sobre a qual havia visto primeiramente o Spahi e ficar lá um momento sem a vista da casaria a ouvir a brisa soprar, contemplar o ceu sombrio e sentir os grãos de areia açoitarem-me as faces.

Teria preferido estar completamente só. Propuz ao Spahi esperar-me no café mouro e tomar antes uma chicara de café por minha conta.

— E onde vae o Senhor?

— Sómente do outro lado desta collina por um momento.

— Vou acompanhal-o.

— Mas deve estar fatigado... Tome antes uma chicara...

— Vou acompanhal-o, replicou elle com obstinação. A' maneira dos Arabes elle estabelecia um direito sobre mim. No dia seguinte quanto eu estivesse prompto para partir elle me diria que me havia guiado ao redor de Sidi-Massarli e que protegera minha expedição apezar de sua fadiga e fome. Sabia quanto era inutil discutir com esses marotos e não disse nada.

II

Em poucos instantes o Spahi, o assassino e eu estavamos no meio das dunas de areia e Sidi-Massarli desapparecia a nossos olhos.

A desolação era completa. Em torno extendiam-se as dunas. Aqui e acolá podia-se ver a lugubre brancura do salitre, ao longe curvavam-se os tojos ao vento frio.

Eu pensava em Londres, longe, a alguns dias sómente de distancia e gozava da minha situação que a presença dos meus companheiros tornava bizarra; o sumptuoso Spahi com seu manto purpurino, suas botas vermelhas e suas armas, e o andrajoso prisioneiro com seu albornoz remendado, o ex-carniceiro, tendo o ar, apezar da corda, de um principe reinante. Eram os dois, figuras apropriadas áquelle logar. Eu é que estava deslocado no Sahara.

Pensava nisso e olhava com desprezo o meu costume completo quando um som doce e distincto fez-se ouvir de repente na collina á minha esquerda. Era exactamente como o rythmo monotono d'um tam-tam. O silencio que o precedera fora intenso: e no meio das trevas que a cada instante augmentavam esse

ruido lugubre que eu imaginava produzido por algum musico indigena perdido causava-me uma impressão sinistra.

Instintivamente levei a mão ao revolver e, no mesmo instante vi o Spahi voltar-se bruscamente na direcção do ruido e levar a mão ao ouvido.

O rufar baixo do instrumento batido d'uma maneira rythmada tornou-se pouco a pouco mais forte; aproximava-se evidentemente de nós. O musico devia galgar, pensava, o outro lado da collina.

Eu me voltava para fazer-lhe frente; e a cada instante esperava ver surgir do cimo da montanha alguma silhouetta fantastica que se desenharia sobre o céu triste. Mas não appareceu nada. Entretanto o ruido augmentou até tornar-se uma especie de rugido formidavel bem perto de nós.

Parecia-me que um tambor fantasma girava em torno de nós envolvendo-nos num circulo de barulho horrivel. Interroguei meus companheiros com o olhar. O Spahi não tinha mais a mão na orelha.

Estava erecto como se estivesse na parada de Biskra. Seu rosto estava rigido com uma expressão fatalista. O assassino ao contrario, sorria. Lembro-me bem do brilho dos seus dentes brancos. Porque sorria elle ?

Emquanto eu me propunha esse problema o som do tam-tam foi-se tornando gradualmente mais fraco como si o musico se afastasse rapidamente na direcção de Sidi-Massarli.

Enquanto foi perceptivel o ruido do tam-tam nenhum de nós pronunciou uma palavra. Depois como se fizesse o silencio, disse :

— Quem é então ?

— Senhor... não é ninguem.

— O que é então ?

— Senhor, é o tambor do deserto. A morte virá a Sidi-Massarli esta noite.

Senti-me abalar, com tanta convicção falava o Spahi. O assassino sorria sempre e eu notei que o ar fatigado o abandonara. Conservava-se numa attitude firme e o suor secara na sua fronte.

— O tambor do deserto ? repeti.

— O senhor nunca ouviu falar delle ?

— Sim... Contaram-me a este respeito muitas historias, porem nunca quiz dar-lhes credito. Havia certamente alguem que tocava tambor ao nosso lado.

Olhei os dentes brancos do matador.

— Voltemos ao *bordj*, disse bruscamente.

— Eu vou acompanhal-o, Senhor.

Era a mesma formula; e desta vez a voz que a pronunciou pareceu natural. Voltamos juntos; eu caminhava depressa querendo encontrar a musica e provar que ella era produzida por um sêr humano; mas chegamos a Sidi-Massarli n'um silencio apenas interrompido pelo silvo do vento e o ruido dos pés do assassino batendo sobre a areia.

Dond, o meu creado estava diante do café mouro o albornoz branco sobre o corpo. Alguns arabes esfarrapados estavam com elle.

— Tocaram tam-tam na aldeia ? perguntei.

— O senhor pergunta si...?...

— Tam-tam, não comprehendes ?

— Ah ! o Senhor quer rir?... Tam-tam aqui! e dançarinas tambem, talvez ? O Senhor pensa que ha dançarinas aqui ? Fatma e Kahadja e Aichouch ?

Olhei vivamente para o assassino quando Dond pronunciou este ultimo nome. Mas encontrei somente o suave sorriso de seus olhos tão ternos que pareciam olhos de uma mulher que sempre tivesse sido escrava.

Os arabes continuaram a rir á idéa d'um tam-tam em Sidi-Massarli.

. . . .

Quando chegamos ao *bordj* vi que o albergue não tinha sinão um quarto completamente nú, com chão de pedra e paredes brancas. Sobre uma meza estava servida minha refeição, alluminada por uma vela fixa ao gargalo de uma garrafa. No chão estavam preparados meu travesseiro e minhas cobertas. O Spahi conservou-se na humbreira da porta olhando com inveja esses preparativos.

Sentei-me num banco em frente á meza; meus creados deviam comer no café mouro.

— Onde vae dormir ? perguntei a Dond.

— No café mouro, Senhor, si não tem medo de dormir sozinho. Eis a chave. O Senhor pode fechar-se. A porta é solida.

Enquanto eu começava a comer, o vento uivava no manto vermelho do Spahi e — seria minha imaginação ? — pensei ouvir o barulho d'um tam tam.

— Entre, disse ao Spahi; jantará commigo esta noite e dormirá tambem aqui.

A figura expressiva de Dond tornou-se sinistra. Os arabes são quasi tão invejosos uns dos outros quanto são orgulhosos.

— Mas, Senhor, elle dormirá bem no café mouro. Si deseja uma companhia eu...

— Entre, repeti eu ao Spahi; pode dormir aqui.

O Spahi entrou com um tinido de esporas. O assassino seguiu-o docemente puxado pela corda.

Dond tinha um ar deseseperado.

Designou com um gesto o assassino :

— E este homem ? O senhor vae dormir no mesmo quarto que elle ?

Ouvi de novo o som do tam-tam sobre o rugir do vento.

— Sim, disse.

Porque queria eu isso ? Não o sei. Mas lembrando-me do sorriso que eu percebera nos labios do carniceiro e das palavras do Spahi «A morte virá a Sidi-Massarli esta noite» decedi que os tres homens que tinham ouvido junto o tambor do deserto, não se separariam até a aurora.

Dond não disse mais nada. Serviu-me com a costumada deligencia ; mas vi que estava muito sentido. O Spahi comeu vorazmente assim como o prisioneiro. Este apezar de tudo parecia cahir de somno. Como o vento estivesse agora muito forte e eu não queria sahir disse a Dond que trouxesse tres chicaras de café. Elle deitou um olhar máo sobre o Spahi e sahiu.

Não o tornei a ver sinão na manhã seguinte. Um menino trouxe o café, tirou a meza e, apos ter murmurado uma saudação arabe, desappareceu no meio da ventania.

O assassino tinha adormecido sobre a meza e o Spahi começava a cochilar. Eu tambem sentia-me fatigadissimo mas desejava fazer ainda uma pergunta.

— Mas então... um de nós?...

— A morte virá a Sidi-Massarli esta noite, Senhor. E' este o desejo de Allah.

Bendicto seja Allah !

Levantei-me e fechei a pesada porta do *bordj*, depois colloquei a chave no bolso interior de minha roupa.

Quando isto fazia pareceu-me ver abaixar as espessas palpebras do assassino; não estou porem muito certo disto porque cabeceava de fadiga. O Spahi tinha tambem o ar atoleimado pelo somno. Puxou a corda; o assassino acordou sobresaltado, olhou em torno de si e levantou-se. Empurrando-o como o faria a um cão o Spahi fel-o deitar-se no chão a um canto antes de extender-se elle mesmo sobre a espessa coberta que trouxera enrolada em torno da sella.

Eu não disse nada. Mas quando o Spahi adormeceu, a mão crispada sobre o sabre e o fuzil sob a cabeça, eu atirei uma das minhas cobertas para o assassino que parecia uma trouxa apoiada ao muro branco do albergue. Elle sorriu-me docemente como tinha sorrido emquanto batia o tambor do deserto e extendeu a coberta sobre seus membros.

Não contava dormir. Ainda que muito cançado meu cerebro estava muito exitado para repousar. Fitava a vela sem pensar que talvez tivesse que lutar contra o somno.

Na escuridão ouvia o silvo do vento e a respiração pezada dos meus dous companheiros.

Isso não durou sinão um instante; depois o somno apoderou-se de mim.

No meio da noite, tive um sonho. Não me lembro d'elle muito bem ; mas nesse sonho parecia-me que dedos tacteavam docemente em torno do meu coração.

Era como si eu estivesse morto e um medico tivesse posto a mão no meu peito para se convencer que a vida não batia mais em mim. Depois esses dedos tão leve e suaves foram tirados do meu peito e eu cahi num somno profundo.

Ao primeiro clarão do dia acordei.

Fazia frio. Extendi a mão e puxei a coberta. Depois fiquei tranquillo. O vento cessara e eu não o ouvia mais assobiar em torno do *bordj*. Durante um momento não me lembrei onde estava ; depois a memoria voltou-me e eu escutei para perceber a respiração do Spahi e do assassino.

Tudo estava tranquillo. Nenhum ruido interrompia o silencio. Fiquei immovel alguns instantes escutando sempre. O silencio era intenso. Teriam elles partido para El Arba ?

O *bordj* estava na obscuriadde pois o dia não filtrava ainda atravez das espessas cortinas que protegiam as pequenas janellas do albergue. Esse silencio intimidou-me. Procurei os phosphoros que tinha posto junto da vela antes de deitar-me. Não os pude achar. Quem os teria tirado ? O somno fugiu-me completamente e lembrei-me dos incidentes da vespera. O som do tambor retumbou ainda em meus ouvidos.

Levantando-me, dirigi-me para o logar onde dormia o assassino.

Abaixei-me e não achei sinão a pedra.

Logo teriam elles já partido ?

Era bem extranho que não tivesse sido acordado pela sua partida porque tinha a chave do quarto em meu poder.

Então lembrei-me do meu sonho e dos dedos tacteando sobre o meu coração... Tropeçando na escuridão cheguei ao logar onde o Spahi estava deitado. Extendi as mãos e, desta vez, toquei uma carne fria e nua... O Spahi estava morto.

Meia hora depois, o guarda do *bordj* acordado pelo barulho que eu fazia batendo na porta com a coronha do meu revolver, veio com Doud perguntar o que se passava.

A porta foi arrombada ; mas muito antes que eu pudesse sahir, a luz do sol, penetrando pelas pequenas janellas abobadadas, mostrara-me o corpo nú do Spahi com uma ferida aberta na garganta. Os trapos do assassino estavam atirados a seus pés.

M'hammed Bouazziz com o manto vermelho e as botas escarlates do Spahi; o sabre do lado e o fuzil á bandoleira, devia galopar desde a madrugada, atravez do deserto, para a liberdade.

. . . .

Seis mezes depois elle foi prezo, uma noite diante d'um café perto do lago em Tunis. Olhava pela porta uma moça que dançava entre duas filas de arabes ao som de flautas. A luz do café aclarou sua figura e a dançarina deixou escapar instinctivamente um grito :

— M'hammed Bouazziz !

— Aichouch !

Isto foi sufficiente para o trair.

A lei vingou o Spahi; e esta vez não foi á prizão que conduziram meu conhecimento de Sidi-Marssarli; mas um fosso aberto diante de um pelotão de soldados, á hora em que o sol nasce.

Perguntei docemente ao Spahi:

— Esse ruido que nós ouvimos essa tarde.

— O que ?

— Não o tinha ouvido em outra occasião ?

— Nunca, Senhor. Mas meu irmão ouviu-o antes de ter nascido o sol, cahiu morto diante de seu capitão em frente a muralha de Sada. Era um atirador.

— E acredita que este som quer dizer que a morte está proxima ?

— Sim... eu o sei, Senhor. Todo o mundo no deserto o sabe. Nasci em Touggoutt: como o não haveria de saber ?

FIM

Proverbios e annexins em doses homoeopathicas

— A cão fraco acodem as moscas.

— Soffra quem penas tem, que, após tempo, tempo vem.

— O medo faz mais tyrannos que a ambição.

— O povo tem sempre a soberania da opinião, as vezes a da acção.

— Tudo se adquire pelo exercicio, mesmo a virtude.

— Elevae-vos de vagar, e chegareis ao alto sem cançar.

— Do feio ao formoso, dê-me Deus o proveitoso.

— A modestia é economica, a vaidade, dispendiosa.

— Bôa leitura a tristeza cura.

— Quem o alheio veste, na praça o despe.

— Um milhão de probabilidades não produz uma certeza.

— Nada ha tão decisivo como a ignorancia.

— Os estudos da mocidade fazem a consolação da velhice.

— A lei é um magistrado vendo; o magistrado é a lei fallando.

— Cada um é o filho das suas obras.

MARICÁ JUNIOR